

SOCIEDADE E VALORES DOS EUA

VOLUME 4

REVISTA ELETRÔNICA DO SERVIÇO DE DIVULGAÇÃO DOS EUA

NUMBER 2

MUDANÇAS NA AMÉRICA:

A População dos Estados Unidos em Fase de Transição



— JUNHO DE 1999 —

DOS EDITORES



o decorrer da nossa história, que já soma mais de dois séculos, o povo dos Estados Unidos tem se apresentado como um fenômeno em constante evolução. Numerosos contingentes de novos imigrantes têm vindo, de dezenas de países, para esta nação. Os pioneiros estabeleceram novas rotas através dos oceanos Atlântico e Pacífico, assim como por terra, chegando a várias partes dos Estados Unidos. Subseqüentemente, suas famílias e descendentes trilharam esses caminhos rumo a novos lares, novas profissões e nova auto-estima, como cidadãos americanos. E à medida que uma geração sai de cena e surge outra, a população, invariavelmente, é afetada. Na nossa época, vimos a geração dos "baby boomers" [os filhos da explosão populacional], nascidos imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, impulsionar a sociedade dos Estados Unidos durante boa parte da segunda metade deste século. Agora, em virtude do fato de a expectativa de vida ter sido prolongada, e graças ao seu próprio dinamismo, as pessoas de idade mais avançada estão assumindo um importante papel nos Estados Unidos, no momento em que um século chega ao fim e outro se inicia. Esta revista apresenta os principais detalhes demográficos sobre as mudanças na população dos Estados Unidos neste momento da sua história, o recenseamento nos Estados Unidos, as novas tendências no que se refere à imigração e o impacto cada vez maior, causado pelos idosos, entre outros assuntos, e indica recursos para que essa questão possa ser explorada de maneira mais aprofundada. ■



SOCIEDADE E VALORES DOS EUA

REVISTA ELETRÔNICA DO SERVIÇO DE DIVULGAÇÃO DOS EUA

VOL.4 / ESCRITÓRIO DE INFORMAÇÃO / AGÊNCIA DE DIVULGAÇÃO DOS EUA / Nº. 2
ejvalues@usia.gov

JUNHO DE 1999



Índice

MUDANÇAS NA AMÉRICA: A POPULAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS EM FASE DE TRANSIÇÃO

ÊNFASE

5

OS ESTADOS UNIDOS: UMA NAÇÃO CARACTERIZADA PELA DIVERSIDADE E POR UM FUTURO PROMISSOR

BILL CLINTON

No momento em que os Estados Unidos chegam a um século em que podem se tornar a primeira verdadeira democracia multirracial e multiétnica, também caracterizada por um número crescente de cidadãos idosos, o presidente Clinton reflete sobre os desafios apresentados por essa diversidade.

7

UM ENTRE MUITOS: TENDÊNCIAS E COMPOSIÇÃO ÉTNICA DA IMIGRAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS

Esta visão geral mostra a formação da variada população americana de hoje, através dos séculos, e mostra até que ponto a sua história, sociedade e demografia têm-se entrelaçado.

12

A POPULAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS EM FASE DE TRANSIÇÃO

De Changing America, um relatório do Conselho de Assesores Econômicos

Este breve artigo reflete as tendências demográficas da última geração, que passaram por muitas mudanças.

COMENTÁRIOS

15

DESAFIOS PARA O CENSO DOS ESTADOS UNIDOS NA ERA DA INFORMÁTICA

BARRY EDMONSTON

Para que serve o censo? Como ele é tabulado e de que forma os dados são utilizados? De que forma o próximo censo levará em consideração as falhas das tabulações anteriores? O autor, um renomado demógrafo e especialista do Censo 2000, discute estas e outras questões.

20

O DEBATE SOBRE A IMIGRAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS

DAPHNE SPAIN

Cadinho? Salada? A questão da maneira pela qual os imigrantes se integram à sociedade ideal, nos Estados Unidos, vem sendo debatida há muito tempo, e todos os pontos de vista têm sido veementemente apoiados. Neste artigo, a autora, professora de planejamento e desenvolvimento urbano, dirige suas atenções para o impacto demográfico, socio-econômico, cultural e político das recentes tendências migratórias, e identifica desafios emergentes para o futuro.

O NASCIMENTO DE UMA VELHA GERAÇÃO

THEODORE ROSZAK

O autor, que tem apresentado muitos trabalhos sobre o número crescente de cidadãos idosos nos Estados Unidos, reflete sobre o impacto previsto, desse segmento da população, em termos sociais e políticos. As barras laterais apresentam estatísticas a respeito da população idosa e das atividades a ela relacionadas na área de serviços comunitários.

A POPULAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS: ONDE ESTÃO OS NOVOS IMIGRANTES

WILLIAM H. FREY

Este artigo, de autoria de um renomado especialista em tendências das áreas metropolitanas, demonstra o impacto que a imigração e a migração, especialmente de asiáticos e hispânicos, estão causando sobre as cidades, grandes e pequenas, em todo o território dos Estados Unidos.

A MISCIGENAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS

ROCHELLE L. STANFIELD

Uma silenciosa revolução demográfica — um grande aumento no número de casamentos entre pessoas de raças diferentes — pode contribuir para a união, em vez da desunião, da pessoas nos Estados Unidos. A autora apresenta argumentos sobre vários aspectos das tendências dos casamentos entre raças diferentes, bem como as forças que se opõem a essas tendências.

BIBLIOGRAFIA E FONTES DE INFORMAÇÃO NA INTERNET



SOCIEDADE E VALORES DOS EUA

Editora Responsável.....Rosemary Crockett
 Editor.....Craig B. Springer
 Editores Executivos.....Michael J. Bandler
Suzanne Dawkins
 Editor Associado.....Guy Olson
 Colaboradora.....Rosalie Targonski
 Diretor de Arte/Programador Visual...Thaddeus A. Miksinski, Jr.
 Assistente de Artes Gráficas.....Sylvia Scott
 Editor de Internet.....Wayne Hall
 Referência e Pesquisa.....Mary Ann V. Gamble
Kathy Spiegel

Conselho Editorial

Howard Cincotta Rosemary Crockett John Davis Hamill

As revistas eletrônicas da USIA, publicadas e transmitidas para o mundo inteiro a cada três semanas, examinam as principais questões que afetam os Estados Unidos e a comunidade internacional. As revistas — PERSPECTIVAS ECONÔMICAS, ASSUNTOS GLOBAIS, QUESTÕES DE DEMOCRACIA, AGENDA DE POLÍTICA EXTERNA DOS EUA, E SOCIEDADE E VALORES DOS EUA — apresentam análises, comentários, e informações de caráter geral em suas áreas temáticas. Todos os números aparecem em inglês, francês e espanhol, e alguns números também aparecem em árabe, português e russo. As opiniões apresentadas nas revistas não refletem, necessariamente, as opiniões e políticas do governo norte-americano. Favor observar que o USIS não assume nenhuma responsabilidade pelo conteúdo e nem pela continuidade do acesso aos sites da Internet para os quais há links nesta publicação; tal responsabilidade cabe aos respectivos provedores. Os artigos podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a não ser que haja restrições de copyright mencionadas em alguma parte dos mesmos. Os números atuais ou anteriores das revistas podem ser encontrados no seguinte endereço: "http://www.usia.gov/journals/journals.htm" ou na Home Page do U.S. Information Service (USIS) (Serviço de Divulgação dos Estados Unidos) na World Wide Web. Eles se encontram disponíveis em vários formatos eletrônicos para facilitar a visualização on-line, a transferência, o downloading, e a impressão. Os comentários serão bem recebidos no escritório mais próximo do USIS ou nos escritórios editoriais — Editor, U.S. SOCIETY & VALUES (I/TSV), U.S. Information Agency, 301 4th Street SW, Washington, D.C. 20547, United States of America. Você pode enviar o seu E-mail para este endereço: ejvalues@USIA.gov.

**OS
ESTADOS UNIDOS:
UMA NAÇÃO CARACTERIZADA
PELA DIVERSIDADE**



POR UM FUTURO PROMISSOR

BILL CLINTON



O NOS APROXIMARMOS DO SÉCULO XXI, RECONHECEMOS, AO MESMO TEMPO, OS GRANDES DESAFIOS QUE TEMOS QUE ENFRENTAR E AS INCRÍVEIS POSSIBILIDADES QUE O FUTURO PODE NOS TRAZER.

NO PRÓXIMO SÉCULO, TEREMOS A POSSIBILIDADE DE NOS TORNARMOS A PRIMEIRA DEMOCRACIA VERDADEIRAMENTE MULTIRRACIAL, MULTIÉTNICA DO MUNDO. ATUALMENTE, HÁ MAIS CRIANÇAS DAS ORIGENS MAIS DIVERSAS NAS NOSSAS ESCOLAS PÚBLICAS DO QUE EM QUALQUER OUTRA ÉPOCA DA NOSSA HISTÓRIA; UM QUINTO DESSAS CRIANÇAS SÃO DE FAMÍLIAS DE IMIGRANTES. POR EXEMPLO, PERTO DA CAPITAL NACIONAL, DO OUTRO LADO DO RIO POTOMAC, O DISTRITO ESCOLAR DO CONDADO DE FAIRFAX, NA VIRGINIA, POSSUI CRIANÇAS DE 180 GRUPOS RACIAIS, NACIONAIS E ÉTNICOS DIFERENTES, QUE SÃO FLUENTES EM MAIS DE 100 LÍNGUAS NATIVAS DIFERENTES. DEVEMOS ASSEGURAR QUE NOSSO SISTEMA EDUCACIONAL ESTIMULE A CRIATIVIDADE DE TODOS OS ALUNOS DAS ESCOLAS AMERICANAS, FAÇA COM QUE ELAS ADQUIRAM AS HABILIDADES E O CONHECIMENTO NECESSÁRIOS PARA QUE ATINJAM A TOTALIDADE DO SEU POTENCIAL E LHESS OFEREÇA A OPORTUNIDADE DE SEREM BEM SUCEDIDOS NA VIDA E NOS EMPREGOS QUE TERÃO NO FUTURO.

ALÉM DISSO, O NOVO SÉCULO APRESENTARÁ DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA OS IDOSOS. O NÚMERO DE IDOSOS NO NOSSO PAÍS DOBRARÁ ATÉ O ANO 2030, E GRAÇAS AOS AVANÇOS NA MEDICINA, ATÉ MEADOS DO SÉCULO XXI, O AMERICANO MÉDIO VIVERÁ 82 ANOS — SEIS ANOS A MAIS DO QUE O TEMPO MÉDIO DE VIDA ATUAL. ESSES ANOS DE VIDA A MAIS SÃO UM GRANDE PRESENTE, MAS ELAS TAMBÉM APRESENTAM PROBLEMAS PARA OS PROGRAMAS FEDERAIS QUE

PROPORCIONAM AJUDA FINANCEIRA E ATENDIMENTO MÉDICO AOS IDOSOS. *UMA DAS GRANDES PREOCUPAÇÕES PARA NÓS, DE MEIA IDADE — A GERAÇÃO NASCIDA NA ERA PÓS-GUERRA — É QUE, AO ENVELHECERMOS, COLOCAREMOS UM FARDAMENTO FINANCEIRO EXCESSIVAMENTE PESADO SOBRE OS OMBROS DOS NOSSOS FILHOS, E ISSO PREJUDICARÁ AS CONDIÇÕES QUE ELES TERÃO DE CRIAR OS NOSSOS NETOS. AO ENTRARMOS NO NOVO MILÊNIO COM UMA ECONOMIA FORTE E COM OS PRIMEIROS SUPERÁVITS ORÇAMENTÁRIOS DESDE A DÉCADA DE 1960, TEMOS UMA OPORTUNIDADE HISTÓRICA — E UMA OBRIGAÇÃO SOLENE — DE ASSEGURAR A MANUTENÇÃO DA SEGURIDADE SOCIAL [SOCIAL SECURITY] E DO SISTEMA DE SAÚDE [MEDICARE] PARA O BEM-ESTAR DAS FUTURAS GERAÇÕES DE AMERICANOS QUE VIVERÃO EM UMA SOCIEDADE NA QUAL HOMENS E MULHERES TERÃO VIDAS MAIS LONGAS, MAIS ATIVAS E MAIS PRODUTIVAS.*

TEMOS MUITOS OBJETIVOS A SEREM CONQUISTADOS NO PRÓXIMO SÉCULO, NA CONTINUIDADE DA NOSSA JORNADA NO SENTIDO DE NOS TORNARMOS UMA NAÇÃO QUE RESPEITE AS NOSSAS DIFERENÇAS, CELEBRE A NOSSA DIVERSIDADE, E QUE SEJA UNIDA NA MANUTENÇÃO DOS VALORES QUE COMPARTILHAMOS. ENQUANTO O NOVO MILÊNIO SE APROXIMA RAPIDAMENTE, VAMOS ASSINALAR, COM ORGULHO, AS ETAPAS VENCIDAS NESTA JORNADA, VAMOS NOS ALEGRAR COM O PROGRESSO QUE FIZEMOS E VAMOS NOS COMPROMETER NO SENTIDO DE CONSEGUIR UM PROGRESSO AINDA MAIS SIGNIFICATIVO NOS PRÓXIMOS ANOS.

■

UM ENTRE MUITOS:

TENDÊNCIAS E COMPOSIÇÃO ÉTNICA DA IMIGRAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS

A história do povo americano é uma história de imigração e diversidade. Os Estados Unidos receberam, de braços abertos, mais imigrantes do que qualquer outro país — mais de 50 milhões, na sua totalidade — e ainda admitem até um milhão de pessoas por ano. No passado, muitos escritores americanos enfatizaram a idéia do cadinho, uma imagem que sugeria que os recém-chegados abandonariam os seus velhos costumes e adotariam a maneira de ser do Novo Mundo. Em geral, por exemplo, os filhos dos imigrantes aprendiam o inglês mas não aprendiam o idioma nativo dos seus pais. Mais recentemente, no entanto, os americanos passaram a dar mais valor à diversidade, os grupos étnicos têm celebrado a sua herança cultural, e os filhos dos imigrantes freqüentemente crescem falando duas línguas com igual desenvoltura.

AMERICANOS NATIVOS

Os primeiros povos que migraram para os Estados Unidos, em um processo que se iniciou mais de 20.000 anos atrás, eram errantes intercontinentais: caçadores e suas famílias que seguiam manadas de animais da Ásia para a América do Norte, passando por um istmo localizado onde hoje existe o Estreito de Bering. Quando Cristóvão Colombo, enviado pela Espanha, "descobriu" o Novo Mundo, em 1492, aproximadamente um milhão e meio de americanos nativos viviam no atual território continental dos Estados Unidos, embora as estimativas desse número variem muito. Pensando ter chegado às Índias — mas tendo chegado, de fato, a San

Salvador, nas Bahamas — Colombo chamou os americanos nativos de "índios".

Durante os 200 anos seguintes, pessoas de vários países europeus seguiram os passos de Colombo, atravessando o Oceano Atlântico para explorar a América e estabelecer postos comerciais e colônias. Os americanos nativos sofreram muito devido ao influxo de europeus. A transferência das terras dos



índios, para os europeus, e mais tarde, para os americanos, ocorreu por meio de tratados, guerras e coação; os índios foram cedendo à medida que os recém-chegados avançavam rumo ao oeste. No século XIX, a solução preferida pelo governo dos Estados Unidos para o "problema" dos índios era forçar as tribos a viver em áreas específicas — chamadas reservas. Algumas tribos lutaram para não ter que abrir mão das terras que, tradicionalmente, vinham usando. Em muitos casos a terra das reservas era de má qualidade e os índios passaram a depender de ajuda governamental. Até hoje há pobreza e desemprego entre os americanos nativos.

As guerras territoriais, além de doenças originárias do Velho Mundo, contra as quais os índios não tinham imunidade natural, fez com que a sua população declinasse, tendo chegado ao ponto mais baixo, 350.000, em 1920. Algumas tribos desapareceram por completo. No entanto, os americanos nativos demonstraram ter grande poder de recuperação. Atualmente, sua população é de aproximadamente dois milhões (0.8 por cento da população total dos Estados Unidos). Apenas aproximadamente um terço dos americanos nativos

ainda vivem em reservas.

Inúmeros nomes de lugares nos Estados Unidos se originam de palavras indígenas, incluindo os nomes dos estados de Massachusetts, Ohio, Michigan, Mississippi, Missouri e Idaho. Os índios ensinaram os europeus a cultivar produtos que atualmente são consumidos rotineiramente no mundo inteiro, como o milho, o tomate, a batata e o tabaco. Canoas, sapatos para a neve e mocassins estão entre as muitas invenções dos índios.

A PORTA DOURADA

Os ingleses constituíam o grupo étnico dominante entre os primeiros colonizadores do território que se tornou os Estados Unidos, e o inglês se tornou a língua predominante no país. Mas pessoas de outras nacionalidades logo se fizeram presentes. Em 1776, Thomas Paine, um porta-voz da causa revolucionária, embora nascido na Inglaterra, escreveu que "a Europa, e não a Inglaterra, é o país que deu origem à América." Essas palavras descreviam os colonizadores que vieram não apenas da Grã-Bretanha, mas também de outros países da Europa, incluindo a Espanha, Portugal, a França, a Holanda, a Alemanha e a Suécia. No entanto, em 1780, três em cada quatro cidadãos dos Estados Unidos eram descendentes de ingleses ou irlandeses.



Entre 1840 e 1860, os Estados Unidos receberam a sua primeira grande leva de imigrantes. Na Europa em geral, a fome, as colheitas fracas, o crescimento populacional e a instabilidade política fizeram com que um número estimado em cinco milhões de pessoas deixassem seus países de origem a cada ano. Na Irlanda, uma praga atacou as plantações de batatas, e mais de 750.000 pessoas morreram de fome. Muitos dos sobreviventes emigraram. Somente em um ano, 1847, 118.120 imigrantes irlandeses chegaram aos Estados Unidos. Atualmente, há aproximadamente 39 milhões de americanos de ascendência irlandesa.

O fracasso da Revolução da Confederação Alemã

de 1848-49 fez com que muitos alemães emigrassem. Durante a Guerra Civil dos Estados Unidos (1861-65), o governo dos Estados Unidos — a União — ajudou a engrossar as fileiras das suas tropas estimulando a emigração da Europa, especialmente dos estados alemães. Como prêmio por terem lutado no exército da União, os imigrantes receberam doações de terras. Em 1865, aproximadamente um em cada cinco soldados da União havia imigrado durante a guerra. Hoje, aproximadamente 22 por cento dos americanos descendem de alemães.

A partir de 1880, aproximadamente, os judeus vieram para os Estados Unidos em massa, devido ao fato de estarem sofrendo grandes perseguições na Europa oriental. No decorrer dos 45 anos que se seguiram, dois milhões de judeus se mudaram para os Estados Unidos; atualmente a população judia nos Estados Unidos chega a mais de cinco milhões de pessoas.

No final de século XIX, o número de pessoas que entravam nos Estados Unidos era tão grande que Washington instituiu um local especial de entrada em Ellis Island, no porto de Nova York. Entre 1892, quando começou a funcionar, e 1954, quando encerrou suas atividades, Ellis Island foi a porta de entrada nos Estados Unidos para 12 milhões de pessoas. Atualmente o local está preservado como parte do Monumento Nacional da Estátua da Liberdade. A Estátua da Liberdade, propriamente dita, um presente dado pela França ao povo dos Estados Unidos em 1886, fica em uma ilha próxima. A estátua foi a primeira visão que muitos imigrantes tiveram da sua futura pátria.

IMIGRANTES CONTRA A PRÓPRIA VONTADE

Entre o fluxo de imigrantes para a América do Norte, um grupo veio contra a sua vontade. Trata-se dos africanos, 500.000 dos quais foram trazidos como escravos entre 1619 e 1808, quando a importação de escravos para os Estados Unidos se tornou ilegal. No entanto, o costume de possuir escravos e seus descendentes continuou, especialmente no sul dos Estados Unidos, essencialmente agrícola, onde muitos braços se faziam necessários para a lavoura.

O processo de abolição da escravidão começou

em abril de 1861 com a eclosão da Guerra Civil entre os estados livres do norte e os estados escravagistas do sul, 11 dos quais haviam se separado da União. No dia 1º de janeiro de 1863, quando metade da guerra já havia decorrido, o presidente Abraham Lincoln proclamou a Emancipação, que abolia a escravidão nos estados que haviam se separado da União. A escravidão foi abolida em todo o território americano com a inclusão da Décima-Terceira Emenda à Constituição dos Estados Unidos em 1865.

No entanto, mesmo depois da abolição da escravidão, os negros americanos foram prejudicados pela segregação e por uma educação inferior. Em busca de oportunidades, os afro-americanos formaram um fluxo migratório interno, saindo do sul rural, rumo ao norte urbano. Mas muitos negros urbanos não conseguiam encontrar trabalho; eles viviam separados dos brancos, pela lei e pelos costumes, em bairros decadentes nas áreas centrais das cidades.

No final da década de 1950 e no início da década de 1960, os afro-americanos, liderados pelo Dr. Martin Luther King, Jr., se valeram de boicotes, passeatas e outras formas de protesto pacífico para exigir tratamento igual, de acordo com a lei, e o fim do preconceito racial.

Um ponto alto desse movimento pelos direitos civis ocorreu no dia 28 de agosto de 1963, quando mais de 200.000 pessoas de todas as raças se reuniram em frente ao Monumento a Lincoln, em Washington, e ouviram um comvente discurso proferido por King. Pouco depois, o Congresso dos Estados Unidos sancionou leis que proibiam a discriminação nas eleições, no trabalho, na habitação e nas instalações públicas. Atualmente, os afro-americanos constituem 12,7 por cento da população total dos Estados Unidos, e nas últimas décadas, os negros têm progredido muito; a classe média negra tem crescido de maneira significativa.

LÍNGUA E NACIONALIDADE

Atualmente, não é incomum caminhar pelas ruas de uma cidade americana e ouvir as pessoas falando em espanhol. Em 1950, menos de quatro milhões de residentes dos Estados Unidos eram de países onde se fala o espanhol. Hoje esse número chega a aproximadamente 27 milhões. Aproximadamente 50 por cento dos hispânicos nos Estados Unidos são de origem mexicana. Os outros 50 por cento vêm de muitos países, incluindo El Salvador, a República Dominicana e a Colômbia. Trinta e seis por cento dos hispânicos nos Estados Unidos vivem na Califórnia. Há vários outros estados que possuem numerosas populações hispânicas, incluindo o Texas, Nova York, Illinois e a Flórida, onde centenas de milhares de cubanos se estabeleceram, fugindo do regime de Castro. Há tantos cubanos-americanos em Miami que o Miami Herald, o maior jornal da cidade, publica edições separadas em inglês e em espanhol.

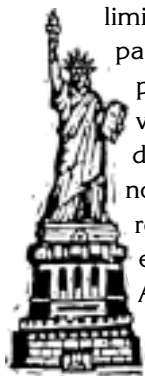
O uso generalizado do espanhol nas cidades dos Estados Unidos deu origem a um debate público sobre o idioma. Alguns falantes de inglês argumentam que, no Canadá, a existência de duas línguas (inglês e francês) foi acompanhada por um movimento separatista. Para evitar que isso aconteça nos Estados Unidos, alguns cidadãos estão fazendo uma campanha para que seja criada uma lei, através da qual o inglês seria declarado a língua oficial dos Estados Unidos. Outros acham tal lei desnecessária e acham, inclusive, que ela poderia ser prejudicial. Segundo essas pessoas, o reconhecimento do inglês como língua oficial estigmatizaria os falantes de outras línguas e dificultaria as suas atividades diárias.

LIMITANDO O NÚMERO DE IMIGRANTES

A Estátua da Liberdade começou a iluminar o caminho dos recém-chegados em uma época em que muitos americanos, nascidos nos Estados Unidos, começaram a se preocupar, achando que o país estava admitindo um número excessivo de

imigrantes. Alguns cidadãos temiam pela sua cultura, julgando-a ameaçada, ou temiam pelos seus empregos, pois os recém-chegados estariam dispostos a aceitar salários mais baixos.

Em 1924, o Congresso sancionou a Lei Johnson-Reed de Imigração [Johnson-Reed Immigration Act]. Pela primeira vez, os Estados Unidos estavam



limitando o número de imigrantes de cada país, tendo como base o número de pessoas do país em questão, que já viviam nos Estados Unidos. O resultado disso é que as tendências de imigração no decorrer dos 40 anos seguintes refletiram a população imigrante existente, principalmente da Europa e da América do Norte.

Antes de 1924, as leis dos Estados Unidos excluía, especificamente, os imigrantes asiáticos. As pessoas, na costa oeste dos Estados Unidos, temiam que os chineses e outros asiáticos tomariam seus empregos e o preconceito racial contra pessoas com feições orientais era muito comum. A lei que excluía os imigrantes chineses foi abolida em 1943, e a legislação aprovada em 1952 permite que pessoas de todas as raças se tornem cidadãos dos Estados Unidos.

Hoje os americanos de origem asiática estão entre os grupos étnicos que crescem mais rapidamente no país. Aproximadamente 10 milhões de pessoas descendentes de asiáticos vivem nos Estados Unidos. Embora muitos deles tenham chegado aqui recentemente, eles estão entre os grupos de imigrantes mais bem sucedidos. Eles tem uma renda superior à de muitos outros grupos étnicos e muitos dos seus filhos estudam nas melhores universidades dos Estados Unidos, em cursos de graduação e pós-graduação.

UM NOVO SISTEMA

No ano de 1965 houve uma mudança significativa nas tendências migratórias. Os Estados Unidos passaram a conceder vistos de imigrantes de acordo com a ordem de chegada dos pedidos; as quotas de nacionalidade foram substituídas pelas quotas de hemisférios. A preferência era dada aos parentes de cidadãos americanos e a imigrantes com habilidades profissionais que se encontravam em falta nos Estados Unidos. Em 1978, o Congresso aboliu as quotas de hemisférios e estabeleceu um teto em âmbito mundial, abrindo as portas ainda mais. Em 1990, por exemplo, os 10 maiores pontos de origem de imigrantes eram os seguintes: México (57,000), Filipinas (55,000), Vietnã (49,000), República Dominicana (32,000), Coreia (30,000), China (29,000), Índia (28,000), União Soviética (25,000), Jamaica (19,000) e Irã (18,000).

Os Estados Unidos continuam a aceitar mais imigrantes do que qualquer outro país; em 1990 a sua população incluía quase 20 milhões de pessoas nascidas no exterior. A lei revisada de imigração de 1990 criou um limite flexível de 675.000 imigrantes a cada ano, e certas categorias de pessoas estão isentas do limite. Essa lei tenta atrair um número maior de trabalhadores especializados e profissionais liberais para os Estados Unidos e atrair imigrantes de países que tenham fornecido relativamente poucos americanos nos últimos anos. A lei faz isso fornecendo vistos "de diversidade". Em 1990, aproximadamente 9.000 pessoas entraram no país com vistos de diversidade, vindas de países como Bangladesh, Paquistão, Peru, Egito e Trinidad-Tobago.

IMIGRANTES ILEGAIS

O Serviço de Imigração e Naturalização dos Estados Unidos [U.S. Immigration and Naturalization Service] estima que aproximadamente cinco milhões de pessoas estejam vivendo nos Estados Unidos sem permissão e esse número tem sofrido um aumento da ordem de 275.000 por ano. Tanto os cidadãos nascidos nos Estados Unidos quanto os imigrantes legais se preocupam com o problema da imigração ilegal. Muitos acreditam que os imigrantes ilegais

(também conhecidos, em inglês, como "illegal aliens") tomam os empregos dos cidadãos americanos, especialmente dos jovens e dos membros das minorias. Além disso, os imigrantes ilegais podem impor uma carga muito pesada sobre os serviços sociais custeados pelos impostos.

Em 1986, o Congresso revisou a lei de imigração, para lidar com os imigrantes ilegais. Muitos daqueles que haviam permanecido no país desde 1982 passaram a ter o direito de se candidatar ao status de residentes legais; tal status, no final das contas, lhes permitiria permanecer no país permanentemente. Em 1990, quase 900.000 pessoas se beneficiaram dessa lei para legalizar a sua situação. A lei também previa medidas enérgicas para combater a continuidade da imigração ilegal e punia as empresas que empregavam, conscientemente, imigrantes ilegais.

O LEGADO

O fluxo contínuo de pessoas que chegam aos Estados Unidos tem exercido uma grande influência sobre o caráter americano. Uma pessoa precisa ter coragem e flexibilidade para deixar a própria pátria e vir para outro país. O povo americano tem se destacado pela sua disposição no sentido de assumir riscos e de embarcar em novos negócios, bem como pela sua independência e otimismo. Se os americanos cujas famílias estão aqui há mais tempo tendem a achar muito natural ter o seu conforto material e as suas liberdades políticas, os imigrantes estão sempre presentes para lembrá-los da importância desses privilégios.

Os imigrantes também enriquecem as comunidades americanas, trazendo aspectos das suas culturas nativas consigo. Muitos negros americanos, atualmente comemoram tanto o Natal quanto o Kwanzaa, um festival originário de rituais africanos. Os americanos de origem hispânica comemoram suas tradições com feiras de rua e outras atividades, no dia cinco de maio. Os restaurantes e os bairros típicos de várias etnias são comuns em muitas cidades dos Estados Unidos. O presidente John F. Kennedy, ele próprio filho de imigrantes irlandeses, definiu resumidamente essa mistura do velho com o novo, ao chamar os Estados Unidos de "uma sociedade de imigrantes, cada um

dos quais começou a vida de novo, em igualdade de condições.

"Este é o segredo da América," ele exclamou, "uma nação de pessoas com a memória recente de antigas tradições, que se atreve a explorar novas fronteiras..." ■

Este artigo foi extraído de "Portrait of the USA" [tradução livre: "Um Retrato dos Estados Unidos"], uma publicação da Agência de Divulgação dos Estados Unidos, setembro de 1997.

A POPULAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS

EM FASE DE TRANSIÇÃO

DE *CHANGING AMERICA*, [AMÉRICA EM MUTAÇÃO], UM RELATÓRIO DO CONSELHO DE ASSESSORES ECONÔMICOS

Enquanto o novo século se aproxima, a população dos Estados Unidos continua a apresentar uma diversidade cada vez maior. Nos últimos anos, a população hispânica e cada um dos grupos raciais minoritários (aqui definidos como grupos raciais e étnicos que constituem menos de 50 por cento da população e que incluem negros não-hispânicos, asiáticos e indígenas) cresceram mais rapidamente do que a população como um todo. Em 1970, esses grupos, juntos, somente representavam 16 por cento da população. Em 1998 essa participação havia crescido, tendo atingido a marca dos 27 por cento. Se as atuais tendências permanecerem inalteradas, o Escritório de Recenseamento prevê que esses grupos serão responsáveis por quase a metade da população dos Estados Unidos em 2050. Embora essas projeções sejam, necessariamente, imprecisas, elas indicam que a diversidade racial e étnica dos Estados Unidos crescerá de maneira significativa no próximo século.

A imigração tem sido a chave dessa evolução demográfica. Ela contribuiu para o rápido crescimento das populações asiáticas e hispânicas desde a década de 1960. Em 1997, 38 por cento da população hispânica e 61 por cento da população asiática eram nascidos no exterior, comparados com oito por cento da população branca, seis por cento

da população negra e seis por cento da população indígena. O crescimento da imigração de asiáticos e hispânicos nas últimas décadas se deve, em grande parte, às mudanças na política de imigração. Mais particularmente, a Lei de Imigração de 1965 [1965 Immigration Act] extinguiu o sistema de quotas por nacionalidade, que, anteriormente, havia restringido a imigração de países não-europeus. A Lei de Reforma e Controle de Imigração de 1986 [Immigration Reform and Control Act of 1986] também contribuiu para o aumento das populações asiáticas e hispânicas com documentação, através da legalização da situação de um grande número de imigrantes.

Embora a imigração de asiáticos e hispânicos tenha crescido, o crescimento populacional diminuiu drasticamente nos Estados Unidos como um todo, em grande parte devido à diminuição nas taxas de fertilidade entre os negros não-hispânicos e os brancos não-hispânicos. Em virtude deste declínio na fertilidade, a participação dos indivíduos brancos não-hispânicos na população tem diminuído desde 1970, e a participação dos indivíduos negros não-hispânicos somente tem apresentado um ligeiro crescimento.

Mudanças na identificação racial e étnica também têm contribuído para o aumento da diversidade

racial e étnica (medida). Essas mudanças têm a maior importância para a população indígena norte-americana, cujo crescimento nos últimos anos tem sido maior do que poderia ser atribuído às mortes, nascimentos, imigração e às melhorias na cobertura do recenseamento. O crescimento desses números, referentes a esse grupo populacional, sugere que as pessoas têm mais probabilidade de se identificarem como indígenas, por ocasião do censo, do que teriam, no passado.

As mudanças, em nível nacional, na composição da população, mascaram diferenças através de regiões e dentro das mesmas. A distribuição geográfica dos grupos raciais e étnicos é importante porque ela influencia o potencial para a interação econômica e social entre eles. De acordo com as projeções de 1996 do Escritório de Recenseamento, o oeste tinha a mais alta concentração de minorias (36 por cento) seguido do sul (30 por cento, do nordeste (23 por cento) e do meio-oeste (15 por cento). Os negros não-hispânicos têm a maior probabilidade de viver no sul, ao passo que os asiáticos, hispânicos e indígenas têm a maior probabilidade de viver no oeste.

A composição racial também varia das cidades, nas áreas centrais das regiões metropolitanas, até os subúrbios nos arredores dessas regiões, e até as áreas não-metropolitanas. Os hispânicos, os negros e os asiáticos têm maior probabilidade do que os brancos não-hispânicos de viver nas áreas centrais das cidades (em 1996 mais da metade dos negros e hispânicos e quase a metade dos asiáticos viviam nas áreas centrais das cidades, comparados com menos de um quarto dos brancos não-hispânicos). Em comparação, mais da metade de todos os brancos não-hispânicos viviam nos subúrbios em 1996, assim como 48 por cento dos asiáticos. Os indígenas são, de longe, os que têm a maior probabilidade de viver fora das cidades e dos subúrbios; em 1990, quase a metade da população indígena vivia fora das áreas metropolitanas.

À medida que a população se torna mais diversa, as oportunidades para interação social com membros de outros grupos raciais e étnicos devem aumentar. O casamento entre grupos (casamento de pessoas de raças diferentes ou de origem hispânica) é uma medida de interação social. O número de casamentos entre raças (casamentos de pessoas de

raças diferentes) tem aumentado drasticamente nas últimas décadas - na verdade, esse número aumentou mais de três vezes desde 1960. No entanto, uma pesquisa realizada em 1995, por Roderick Harrison e Claudette Bennett revelou que os casais formados por pessoas de raças diferentes ainda representavam apenas aproximadamente dois por cento e os casais formados por pessoas de grupos diferentes, representavam quatro por cento de todos os casais (casados) em 1990.

Muitas características demográficas afetam o status econômico e social e exercem uma influência quando se trata de explicar as diferenças no bem-estar social entre os cidadãos americanos. Por exemplo, a imigração baixou o status sócio-econômico relativo da população hispânica dos Estados Unidos, pois os imigrantes hispânicos tendem a ter níveis de escolaridade e renda inferiores aos da população hispânica como um todo.

Outras características demográficas que exercem uma importante influência sobre o status social e econômico incluem a estrutura e a distribuição etária entre as famílias. Mais particularmente, o crescimento da pobreza na infância, freqüentemente tem sido associado ao aumento na proporção de famílias que só possuem um dos parceiros do casal. Desde a década de 1970, a fração de famílias mantidas por um único indivíduo (ou seja, um dos elementos do casal) tem crescido em todos os grupos e atinge os seus índices mais altos entre os negros (38 por cento), indígenas (26 por cento) e hispânicos (26 por cento). A estrutura do lar é também afetada pelo status econômico; por exemplo, a maior tendência, por parte dos idosos, de ter suas próprias casas, tem sido associada ao aumento da sua prosperidade.

As diferenças na distribuição etária das populações podem afetar suas taxas de crescimento, assim como as diferenças no seu bem estar econômico e social, em média. Por exemplo, os índices de pobreza são os mais altos entre as crianças e os índices de criminalidade são os mais altos entre os jovens. Em média, a população branca não-hispânica é consideravelmente mais velha do que a população como um todo. Somente 24 por cento da população branca não-hispânica se encontra na faixa de menos de 18 anos de idade, em comparação com aproximadamente 30 por cento dos negros não-hispânicos e asiáticos e aproximadamente 35 por cento dos indígenas e hispânicos. As diferenças na distribuição etária entre os grupos étnicos refletem as diferenças nas taxas de mortalidade, taxas líquidas de imigração e a idade dos imigrantes. ■

(Este artigo foi extraído do segundo capítulo de "Changing America: Indicators of Social and Economic Well-Being by Race and Hispanic Origin" [tradução livre: "América em Mutação: Indicadores de Bem-Estar Social e Econômico Entre as Raças e a Origem Hispânica"], publicado pelo Council of Economic Advisers for the President's Initiative on Race [Conselho de Assessores Econômicos da Iniciativa Presidencial Sobre as Raças] em setembro de 1998.

DESAFIOS PARA O CENSO DOS EUA NA ERA DA INFORMÁTICA

BARRY EDMONSTON

Os Estados Unidos farão o seu 22º censo populacional em 2000 — trata-se de um recorde, pois desde 1790, os censos vêm sendo realizados a cada dez anos. A Constituição dos Estados Unidos exige que um censo seja realizado a cada dez anos para fins de alocação de assentos na Câmara dos Deputados [U.S. House of Representatives]. Na prática, o censo também fornece informações necessárias para que os distritos eleitorais sejam atribuídos aos 435 membros da Câmara.

ORIGEM

Desde o início, o censo, nos Estados Unidos, tem fornecido informações que transcendem o mínimo necessário para realocação e reatribuição de distritos eleitorais. No censo de 1790, cada família deveria informar a idade, o sexo e o grau de parentesco de cada indivíduo. No censo de 1820, foram acrescentadas perguntas sobre os locais de nascimento e sobre a indústria; por ocasião dos censos posteriores, foram acrescentadas perguntas a respeito da profissão, serviço militar, renda, educação e outras informações importantes.

Portanto, os resultados dos censos não são apenas fundamentais para alocação e atribuição de distritos no Congresso, mas também para fornecer informações às organizações e pessoas que tomam decisões a respeito de muitas questões. Essas questões incluem assuntos importantes para o

público, como por exemplo saúde e educação, planejamento de transportes e serviços comunitários, e questões que interessam à iniciativa privada — como a localização de empresas, habitação e estratégias de marketing de consumo e econômicas.

Este artigo apresenta uma visão geral das raízes históricas do censo decenal dos Estados Unidos, da importância dos resultados dos censos e dos complexos problemas e questões associados à realização de um censo moderno.

FINALIDADE DO CENSO NOS ESTADOS UNIDOS

A finalidade fundamental e original do censo nos Estados Unidos era fornecer informações para a realocação da Câmara dos Deputados. O Artigo I da Constituição dos Estados Unidos determina que seja feita uma contagem da população a cada dez anos.

Desde o censo de 1930, os 435 assentos da Câmara dos Deputados vêm sendo automaticamente realocados por ocasião da entrega dos resultados da contagem da população, por parte do Escritório de Recenseamento [Bureau of the Census]. Quando o Secretário do Comércio anuncia a contagem do censo decenal para cada um dos estados, para o presidente, a realocação do Congresso é determinada rapidamente. A Constituição dos Estados Unidos especifica que o número de vagas para parlamentares deve ser atribuído a cada estado de acordo com a sua população.

A partir do momento em que as vagas no Congresso são atribuídas a cada estado, os limites

geográficos para cada distrito eleitoral devem ser redefinidos. O Congresso determina que o Escritório de Recenseamento forneça planilhas de recenseamento populacional, a cada dez anos, aos governos estaduais, para fins de reatribuição legislativa e reestruturação dos distritos eleitorais até, no máximo, um ano após a data do censo, que é 1o de abril.

O PROCESSO DE TABULAÇÃO

O censo começa com a construção de um arquivo de endereços, de âmbito nacional, que incorpora procedimentos elaborados para assegurar que a cobertura e a tabulação sejam as mais completas possíveis. Cada endereço residencial recebe formulários de recenseamento, com instruções para devolver o formulário preenchido, pelo correio. Tradicionalmente, nem todas as famílias - ou casas - devolvem os seus formulários preenchidos dentro de um período de tempo razoável. O resultado disso é que uma grande equipe de recenseadores visita as casas que não respondem às principais perguntas a respeito do número de membros da família e das suas principais características demográficas. Graças a esse intenso esforço de acompanhamento, os recenseadores determinam se uma certa unidade — casa ou apartamento — está ocupada, e obtêm as respostas às principais perguntas. O processo também incorpora programas especiais que se destinam a grupos específicos (como por exemplo os sem-teto; os indivíduos que se encontram em asilos e instituições similares, dormitórios ou quartéis; e outros que não residem em lares convencionais).

Os resultados apurados a partir dos formulários enviados pelo correio, das pesquisas feitas pelos recenseadores e dos esforços especiais e intensos para a melhoria da cobertura — utilizados em conjunto — constituem a contagem final do recenseamento da população dos Estados Unidos.

OS DADOS

O formulário que a maioria das famílias receberá pelo correio no censo do ano 2000 é um documento "simplificado" contendo poucas perguntas a respeito dos membros da família ou dos indivíduos que moram na casa. Historicamente, o censo tem obtido informações adicionais que transcendem as perguntas normais sobre a idade, o sexo e a raça, que devem ser respondidas por todas as famílias, para cumprir os requisitos constitucionais de reatribuição e reestruturação dos distritos. Desde 1960, a maior parte dos dados adicionais vêm sendo colhidos em um formulário de amostragem separado (também conhecido como "formulário completo") enviado a uma porcentagem das casas. Esses detalhes adicionais são amplamente utilizados para servir a muitas finalidades públicas importantes.

O formulário simplificado enviado a todas as casas incluirá sete perguntas — seis referentes às características da população e uma referente à habitação. O formulário completo incorporará as perguntas do formulário simplificado e terá um total de 52 perguntas.

Historicamente, o censo decenal tem incluído perguntas sobre a raça e a etnicidade, embora freqüentemente as perguntas específicas tenham sofrido mudanças. Essas mudanças têm ocorrido por causa das alterações na constituição racial e étnica da população, às mudanças nas atitudes sociais e questões políticas, e por causa da evolução dos requisitos do governo dos Estados Unidos, no que se refere às estatísticas sociais. A maior diversidade racial e étnica, as mudanças nas atitudes a respeito da raça e da etnia, e o uso, cada vez maior, dos dados do censo, têm contribuído para que as perguntas sobre raças e etnicidade, no censo, sejam alvo de mais atenção e controvérsia.

No censo de 1990, em uma das perguntas, cada pessoa devia se identificar como branca, negra, indígena, esquimó, aleuta, asiática ou originária das ilhas do Pacífico, ou alguma outra opção. Pedia-se aos indígenas que informassem a que tribo específica pertenciam. Os asiáticos ou indivíduos das ilhas do Pacífico deviam selecionar uma opção em uma lista de grupos nacionais. Além de cada pergunta sobre raça, as pessoas, ao preencher o

formulário, deveriam dizer se eram de origem ou ascendência hispânica. Se a resposta fosse sim, elas deveriam informar se eram mexicanas, porto-riquenhas, cubanas ou alguma outra opção.

O censo de 2000 incluirá itens sobre raça e origem hispânica, similares aos do censo de 1990, mas as pessoas terão a oportunidade de escolher mais de um grupo racial. Ao contrário dos censos anteriores, nos quais as pessoas de origens raciais múltiplas eram obrigadas a assinalar "outras" e em seguida escrever uma resposta, o censo de 2000 colherá informações diretamente sobre as origens específicas das pessoas de ascendência racial múltipla.

A CONTAGEM ABAIXO DA REALIDADE NO CENSO: UM DESAFIO CRESCENTE

Embora a contagem, no censo, da população dos Estados Unidos, nunca tenha sido completa, a preocupação pública em relação à contagem incompleta tem aumentado nas últimas décadas — especialmente porque o censo é a única base para a alocação de assentos no Congresso e é nele que se baseia, em grande parte, a distribuição de verbas do governo dos Estados Unidos. Atualmente, as técnicas estatísticas e demográficas mais aperfeiçoadas permitem que o Escritório de Recenseamento estime a contagem incompleta do censo com muito mais precisão do que no passado.

A contagem incompleta da população, até certo ponto, é um fenômeno que ocorre em todos os países. Nos Estados Unidos, a análise demográfica da cobertura indica que a contagem incompleta líquida (o número de pessoas omitida no censo menos o número de pessoas contadas em excesso) foi estimada em 7,0 milhões em 1940, 6,3 milhões em 1950, 5,6 milhões em 1960, 5,5 milhões em 1970, 2,8 milhões em 1980, e 4,7 milhões em 1990. Em termos percentuais, a taxa de contagem incompleta, em relação à população, diminuiu continuamente de 1940 (5,4 por cento) a 1980 (1,2) antes de subir em 1990 (1,8).

De acordo com as estimativas de 1990, por análise demográfica, quase três quartos da contagem incompleta líquida em âmbito nacional consistia de indivíduos não-negros (principalmente brancos). No entanto, a taxa da contagem

incompleta foi mais de quatro vezes mais alta entre os negros do que entre os não-negros, 5,7 por cento e 1,3 por cento, respectivamente.

Pesquisas especiais sobre o censo decenal de 1990 revelam que as taxas líquidas de contagem incompleta foram, também, mais altas nos casos das outras minorias raciais e étnicas. A contagem incompleta dos grupos asiáticos e hispânicos provavelmente foi influenciada pelo número relativamente alto de indivíduos nascidos no exterior. É possível que os imigrantes não tenham compreendido os questionários e os procedimentos do censo.

Em geral, as partes interessadas e os políticos estão de acordo a respeito de várias mudanças que o Escritório de Recenseamento propôs para o censo de 2000. Os questionários do censo serão mais simples e mais claros. Por exemplo, haverá mais uso de cores para realçar os lugares onde as pessoas deverão fornecer as informações solicitadas. Além disso, serão estabelecidas novas parcerias com as autoridades locais em âmbito de cidade, condado e estado. Haverá um comitê de "contagem completa" formado em cada estado, para trabalhar em conjunto com o Escritório de Recenseamento, para assegurar que os órgãos dos governos municipais estejam cientes do que constitui um recenseamento completo. Além disso, o Escritório de Recenseamento dos Estados Unidos gastará 100 milhões de dólares em anúncios pagos para ajudar a promover a participação na tabulação que será executada.

Uma parceria extremamente interessante está sendo formada com os estudantes e educadores da nação. O Escritório de Recenseamento está distribuindo cópias gratuitas de uma publicação intitulada "Making Sense of Census 2000" [Entenda o Censo 2000] em dezenas de milhares de escolas públicas e particulares, de ensino fundamental e secundário, em todo o território dos Estados Unidos. A finalidade é estimular famílias, por meio do membro da família que estiver estudando, para que elas atendam à solicitação de informações para o censo. Esse trabalho terá um foco mais específico nas áreas em que, tradicionalmente, tem havido pouca resposta ao censo.

Na verdade, o Escritório de Recenseamento não poderá executar o seu trabalho com sucesso sem o apoio e a participação geral da população dos Estados Unidos. Parcerias com os governos estaduais e locais serão necessárias, nessa campanha. Um objetivo especial para que haja melhor cooperação entre o Escritório de Recenseamento e os governos locais é que haja um acordo no que diz respeito ao arquivo nacional de endereços para o censo decenal, pois aproximadamente 50% das ocorrências de contagem incompleta no censo são atribuídas a unidades residenciais não incluídas na contagem. Os novos métodos prometem reduzir a quantidade de dados incompletos, e assim haverá uma redução nos casos de contagem incompleta no censo.

A UTILIZAÇÃO DOS DADOS DO CENSO EM TODA A SUA PLENITUDE

O censo é único entre os programas estatísticos do Governo dos Estados Unidos, pois ele é razoavelmente preciso mesmo no que diz respeito a pequenas áreas geográficas e pequenos subgrupos populacionais. Além disso o governo também colhe informações utilizando registros administrativos e pesquisas, mas somente o censo proporciona uma enorme variedade de informações abrangendo toda a população; uma tabulação cruzada dessas informações pode ser feita no que se refere a essas unidades geográficas e populacionais menores.

Os governos, em nível federal, estadual e municipal, além de elementos do setor privado,

como as comunidades acadêmica e empresarial, são grandes usuários de dados do censo. Na verdade, desde que arquivos de dados que podem ser lidos por computador se tornaram disponíveis, no censo de 1970, tem havido um enorme crescimento na utilização de dados do censo, por uma grande variedade de usuários, para inúmeras finalidades.

Dentro do arcabouço estatístico dos Estados Unidos, o censo tem funções importantes. Essas funções incluem: proporcionar estimativas para a administração de programas e relatórios governamentais (por exemplo, o Serviço de Imigração e Naturalização conta com informações do censo sobre os indivíduos nascidos no exterior para elaborar os seus relatórios que são solicitados pelo Congresso); denominadores para estatísticas vitais (por exemplo, taxas de natalidade e mortalidade) usados, por exemplo, pelas autoridades dos órgãos de saúde pública, para monitorar as condições de saúde da população dos Estados Unidos; e informações para atualizar dados sobre a idade, o sexo e a raça, para a análise contínua das pesquisas de amostragem de famílias — em outras palavras, para refletir, da maneira mais precisa possível, a distribuição atual da população. No que diz respeito aos governos estaduais e municipais, eles usam essas informações para identificar os indivíduos que necessitam de certos serviços e para alocar instalações e recursos para prestar serviços à população de forma mais eficaz.

As estatísticas do censo são também cruciais para o setor privado. As empresas, universidades e outras entidades que fazem pesquisas, o setor das entidades sem fins lucrativos, os meios de comunicação, a comunidade intelectual e os cidadãos comuns, atribuem uma importância vital aos dados, freqüentemente quando combinados aos dados das suas próprias pesquisas. As empresas tomam importantes decisões a respeito de marketing e vendas, tendo como base as estatísticas populacionais. As empresas especializadas em pesquisas usam os dados do censo para adquirir, em primeira mão, conhecimentos que freqüentemente podem tem implicações de política, como por exemplo: pode-se acompanhar o progresso na área educacional para calcular melhor até que ponto há necessidade de programas de alfabetização de adultos. E os órgãos de comunicação usam essas

estatísticas para informar o público a respeito de uma infinidade de assuntos — por exemplo, mudanças na população e até que ponto essas mudanças ocorrem em função das migrações.

Em última análise, os Estados Unidos não poderiam funcionar de maneira adequada ou eficaz sem o censo decenal. Essa situação tem perdurado nos últimos dois séculos, e, sem dúvida, essa observação será igualmente verdadeira no próximo milênio. ■

*Barry Edmonston é o diretor do Centro de Pesquisa Populacional e Recenseamento [Center for Population Research and Census] na Universidade Estadual de Portland [Portland State University] (Oregon). Ele é o autor de um estudo recente sobre o censo, o *The 2000 Census Challenge* [tradução livre: *O Desafio do Censo 2000*], para o Escritório de Pesquisas Populacionais [Population Research Bureau] em Washington, D.C., EUA.*

DEBATE ^O SOBRE A IMIGRAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS

DAPHNE SPAIN

A imigração para os Estados Unidos tem ocorrido com tamanha intensidade nas duas últimas décadas que parece que o século vai terminar como começou, com saudáveis discussões sobre a maneira pela qual os imigrantes se enquadram na sociedade americana ideal.

Nós celebramos as diferenças culturais ou tentamos minimizá-las? Os limites étnicos e raciais devem ser eliminados por meio da assimilação dos imigrantes, fazendo com que as diferenças fiquem cada vez menos nítidas, para que se obtenha um cadinho, ou será que as diferenças raciais e étnicas devem ser preservadas, para que se possa criar uma sociedade mais forte e pluralista?

Há um nível razoável de apoio para cada um desses pontos de vista. Uma pesquisa em âmbito nacional conduzida pelo Centro Nacional de Pesquisa de Opinião [National Opinion Research Center] em 1994 incluía a seguinte declaração: "Algumas pessoas dizem que é melhor para a América se grupos raciais e étnicos diferentes mantiverem suas culturas distintas. Outras dizem que é melhor se os grupos mudarem e se mesclarem na sociedade como um todo; isso é o que se tem em mente quando se fala em cadinho." As pessoas que responderam à pesquisa deveriam classificar suas opiniões em uma escala que variava desde "manter culturas distintas" (pluralismo) a "se mesclar na

sociedade como um todo" (assimilação).

Aproximadamente um terço dos americanos demonstraram pensar que o pluralismo era o melhor caminho, um terço dos indivíduos endossaram a assimilação e um terço dos participantes da pesquisa demonstraram estar a mais ou menos a meio caminho entre as duas posições.

Este artigo descreve as tendências recentes na imigração para os Estados Unidos. Ele trata do impacto demográfico, sócio-econômico, cultural e político, dos altos níveis de imigração e identifica os desafios emergentes para o novo século.

A imigração é o fenômeno demográfico que marcou a história dos Estados Unidos no início e no fim do século XX. Mais de um milhão de imigrantes chegaram anualmente durante a primeira década do século e aproximadamente um milhão deles têm chegado anualmente na última década. (Houve relativamente pouca imigração entre 1915 e 1965, em virtude, em parte, da Depressão no final da década de 20 e no início da década de 30, e de várias formas de legislação que impunham restrições.) Hoje eles vêm de países diferentes daqueles de onde vinham os recém-chegados da primeira década do século, e se dirigem a uma variedade maior de cidades. Mesmo assim, atualmente, os imigrantes dão origem às mesmas questões que eram discutidas 100 anos atrás.

Em "Immigration to the United States: Journey to an Uncertain Destination ["Imigração para os Estados Unidos: Viagem com um Destino Incerto"], um relatório preparado em 1994 pelo Escritório de Referências Populacionais [Population Reference Bureau], Philip Martin e Elizabeth Midgley identificam três motivos pelos quais a imigração se tornou assunto de discussão na década de 90. Primeiro, o número de imigrantes está crescendo, em relação ao seu ponto mais baixo, atingido na década de 40. Segundo, os imigrantes atuais diferem significativamente em etnicidade, escolaridade e habilidades, dos indivíduos nascidos nos Estados Unidos. Terceiro, não se chegou a um consenso sobre se os imigrantes representam uma vantagem ou uma desvantagem para a sociedade americana. Embora a Pesquisa Social Geral de 1994 [1994 General Social Survey] tenha revelado uma tolerância generalizada no que diz respeito à imigração, ela também revelou que 60 por cento dos americanos acreditam que a imigração deveria ser reduzida em relação aos seus níveis atuais. Um número maior de americanos (aproximadamente dois terços) acham que se houver mais imigração "vai ser mais difícil manter o país unido." Os americanos acham pouco provável que a imigração contribua para um crescimento econômico mais significativo, e mais de 80 por cento deles acham que a imigração em maiores números criaria índices mais elevados de desemprego (embora eles não tenham medo de que os imigrantes afetem a sua própria segurança em termos de emprego).

TENDÊNCIAS DEMOGRÁFICAS

Quando os imigrantes chegavam aos Estados Unidos, basicamente, por mar, uma média de um milhão de pessoas por ano desembarcavam, entre 1905 e 1914. Nesta década, desde 1992, o número de pessoas que entram no país por ano tem sido o mesmo. Mas agora elas chegam por terra, mar e ar. Se os números são elevados tanto no início

quanto no fim do século, seu impacto na composição da população dos Estados Unidos, no momento, é diferente, porque o país agora é muito maior. No início do século, quase 15 por cento dos habitantes haviam nascido no exterior, comparados com aproximadamente nove por cento, hoje, segundo Martin e Midgley, e de acordo com um artigo de Caron J. De Vita, publicado em 1996 no "Publication Bulletin", intitulado "The United States at Mid-Decade" ["Os Estados Unidos na Metade da Década"].

A diferença mais óbvia entre os imigrantes do início e os do fim deste século é a sua origem. A maior parte dos imigrantes do começo do século vieram da Itália, Império Áustro-Húngaro, Rússia, Canadá e Inglaterra. Na verdade, vieram tantos imigrantes da Europa, de navio, no século XIX, que o governo dos Estados Unidos não tabulou aqueles que entraram no país, vindos do México ou do Canadá, até o ano de 1908. O México passou a ser um país de origem de um número significativo de imigrantes para os Estados Unidos durante a década de 20, e atualmente é responsável pelo maior fluxo de imigrantes que entram no país. Após o México, as Filipinas, a China e a Índia enviam o maior número de imigrantes para os Estados Unidos, atualmente.

A cidade de Nova York era o local de destino favorito dos imigrantes europeus que aportavam em Ellis Island em 1910, quando aproximadamente 40 por cento dos habitantes da cidade eram nascidos no exterior. Agora que a América Central e a Ásia se tornaram grandes pontos de origem de imigrantes, Los Angeles disputa o primeiro lugar com Nova York. De 1991 a 1996, cada uma dessas cidades era o local de destino desejado de mais de 600.000 imigrantes. Juntas, essas duas cidades eram responsáveis por um entre cada cinco imigrantes. Chicago e Miami eram os dois pontos de destino que vinham logo depois, em termos de preferência, cada um recebendo uma média de cerca de 200.000 novos habitantes entre 1991 e 1996. Boston e San Francisco, importantes pontos de destino no início do século, ainda se encontram entre as 12 primeiras cidades de destino dos imigrantes.

Os imigrantes que vieram, principalmente da Europa, se fixaram no nordeste e no meio-oeste dos

Estados Unidos. Os imigrantes recentes, da América Central e da Ásia, estão se mudando para as regiões oeste e sudoeste. Portanto, os imigrantes estão refletindo as tendências migratórias dos residentes americanos nascidos no país e introduzindo sotaques nitidamente regionais nas discussões sobre a assimilação versus pluralismo.

STATUS SÓCIO-ECONÔMICO

Os três indicadores básicos do status sócio-econômico nos Estados Unidos são a escolaridade, a profissão e a renda. Em uma sociedade perfeitamente assimilada, somente ocorreriam pequenas diferenças nessas medidas entre as pessoas de países diferentes. Seria de se esperar que tais diferenças diminuíssem, em função do tempo durante o qual os imigrantes estão no país. Os dados do censo de 1990, em parte, reforçam essas suposições. Os imigrantes dos períodos anteriores têm uma renda familiar mais alta do que os imigrantes mais recentes e têm maiores probabilidades de trabalharem em cargos de gerência ou em profissões liberais. No entanto, os recém-chegados têm maiores probabilidades de terem diplomas universitários do que os que aqui chegaram em épocas passadas, ou do que os que aqui nasceram.

A renda familiar média em 1990 era 35 mil dólares por ano entre os estrangeiros que chegaram aos Estados Unidos antes de 1980; essa média era mais ou menos a mesma dos indivíduos nascidos nos Estados Unidos. Entre os imigrantes que chegaram após 1980, no entanto, a renda familiar média era apenas 24.600 dólares por ano. Os imigrantes mais recentes têm duas vezes mais probabilidades de serem pobres (23 por cento) do que os que chegaram aos Estados Unidos

anteriormente (11 por cento) e do que os que nasceram no país (10 por cento). Essas estatísticas de bem-estar econômico refletem os padrões diferentes de empregos. Um quarto dos imigrantes adultos que chegaram aos Estados Unidos antes de 1980 tinham cargos de gerência ou de nível superior, na mesma proporção dos indivíduos nascidos nos Estados Unidos que tinham cargos de gerência ou de nível superior. Em comparação, somente 17 por cento dos imigrantes em idade de trabalhar que chegaram após 1980 tinham cargos de gerência ou de nível superior. Os imigrantes têm a mesma probabilidade do que os indivíduos nascidos no país de trabalharem por conta própria (13 por cento). A anomalia está no grau de escolaridade. Aproximadamente um em cada quatro recém-chegados tinha diploma universitário em 1990, comparado com um em cada cinco entre os que aqui chegaram antes e os que nasceram no país, segundo Martin e Midgley, e segundo outra equipe de pesquisadores, Barry Chiswick e Teresa A. Sullivan, cuja pesquisa de 1995 sobre os novos imigrantes apareceu em "State of the Union: America in the 1990s" ["O Estado da União: a América na Década de 1990" (editado por Reynolds Farley)].

CONTRIBUIÇÕES CULTURAIS

A religião, a língua, a comida e os festivais são os pilares da identidade cultural. As mesquitas se uniram às igrejas e sinagogas como parte da paisagem urbana nas grandes cidades. Placas anunciando os horários dos serviços religiosos em duas ou mais línguas se tornaram comuns em muitas comunidades nos Estados Unidos, pois muitas igrejas compartilham suas instalações com as congregações de novos imigrantes até que os recém-chegados possam estabelecer seus próprios locais de adoração. A grande quantidade de línguas trazidas pelos imigrantes representa um desafio para a capacidade de algumas redes de ensino, e ao mesmo tempo, está enriquecendo a exposição dos alunos à literatura e à arte não-ocidentais.

Os imigrantes enriqueceram o sabor americano, graças aos bem-sucedidos restaurantes e outros estabelecimentos que atendem às necessidades dos

imigrantes e dos que aqui nasceram. Por exemplo, a região metropolitana de Washington, D.C. possui prósperas comunidades vietnamitas, coreanas e etíopes que introduziram suas especialidades onde a dieta era tradicionalmente insossa. Datas como o Cinco de Maio e o Ano Novo Chinês são comemoradas por um grande número de pessoas em todo o território dos Estados Unidos. A criação e a administração de pequenas empresas, e o investimento em mercados habitacionais inativos e bairros problemáticos, são duas maneiras pelas quais os imigrantes têm ajudado a revitalizar as cidades americanas.

No que se refere à preferência pela assimilação ou pelo pluralismo, a filosofia dos imigrantes varia. Em um mundo ideal, as duas coisas deveriam coexistir, e assim os recém-chegados poderiam continuar a observar os costumes culturais tradicionais que mantinham as suas comunidades no seu país de origem, e ao mesmo tempo, participar da sociedade americana de maneira economicamente produtiva.

PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Os imigrantes votam com menos frequência do que os indivíduos nascidos nos Estados Unidos, porque muitos ainda não se tornaram cidadãos americanos por meio do processo de naturalização. Os recém-chegados com a idade mínima de 18 anos podem adquirir cidadania americana desde que tenham residido legalmente nos Estados Unidos por um período de pelo menos cinco anos; saibam ler, escrever e falar inglês; tenham algum conhecimento da história e da organização política dos Estados Unidos; e sejam pessoas de sólida formação moral. A decisão de adquirir cidadania é um dos mais claros sinais de assimilação que os imigrantes podem demonstrar. De todos os imigrantes em 1990, 40 por cento haviam adquirido cidadania. Os italianos e os alemães haviam apresentado as maiores proporções (quase três quartos de todos os imigrantes), enquanto os imigrantes da América Central apresentavam as

taxas mais baixas (menos de 20 por cento), segundo o estudo de Martin e Midgley.

Uma "taxa de naturalização" de 40 por cento é alta ou baixa para os padrões nacionais? Em 1920, o primeiro ano em que as mulheres tiveram o direito de votar nos Estados Unidos, 49 por cento dos indivíduos adultos, nascidos no exterior, eram cidadãos, segundo os dados do Escritório de Recenseamento dos Estados Unidos [U.S. Bureau of the Census]. Pode-se examinar o ligeiro declínio nas taxas de naturalização e interpretá-lo como um indicador de crescimento do pluralismo. Por outro lado, a similaridade das taxas dos anos de 1920 e 1990 parece notável, levando-se em consideração a maior diversidade entre os imigrantes mais recentes e o clima político recente, sempre em transição.

A maioria dos americanos prefere a assimilação ao pluralismo quando se trata de questões políticas. Na pesquisa de 1994 do Centro Nacional de Pesquisa de Opinião [National Opinion Research Center] dois terços dos americanos aceitaram ou concordaram veementemente com a afirmação de que "as organizações políticas baseadas na raça ou etnicidade promovem o separatismo e fazem com que viver juntos fique mais difícil, para todos nós." Ao que tudo indica, parece que as pessoas estão praticando o que pregam. Quando indagadas a respeito das suas próprias identidades, a maioria esmagadora dos entrevistados (89 por cento) se consideravam "simplesmente americanos" em vez de membros de um determinado grupo racial ou étnico ou "americanos com hífen" (como por exemplo: ítalo-americanos).

O CAMINHO À NOSSA FRENTE

As tendências migratórias, no passado e no futuro tiveram como resultado uma população americana que é predominantemente branca e não-hispânica (74 por cento). No entanto, se a imigração continuar a ocorrer com as taxas atuais, os brancos representarão uma pequena maioria (52 por cento) em 2050. Os hispânicos representarão o maior grupo minoritário (22 por cento). Os negros representarão 14 por cento da população, e o contingente de asiáticos terá crescido de três para 10 por cento.

Pela primeira vez na história, os americanos, ao serem pesquisados para o Censo 2000, poderão se identificar, no formulário, como membros de "uma ou mais raças". A decisão de aceitar designações de raças múltiplas foi o resultado de intensas discussões entre funcionários encarregados das estatísticas do censo, políticos e o público em geral. Ela indica uma tendência rumo à assimilação racial e acena com a possibilidade de que as distinções raciais, que anteriormente eram motivo de controvérsias, podem, no futuro, desaparecer. Roberto Suro, autor de "Strangers Among Us: How Latino Immigration Is Transforming America," ["Estranhos no Nosso Meio: Como a Imigração Latina Está Transformando a América"] argumenta que o nosso vocabulário referente às raças é inadequado, porque os latinos e asiáticos ficam excluídos em um mundo no qual as pessoas são categorizadas como "de dentro" ou "de fora" dependendo da sua cor: branca ou negra. Na verdade, a categoria "hispânicos" se aplica tanto aos imigrantes quanto aos que nascem nos Estados Unidos, obscurecendo, dessa forma, as distinções entre os recém-chegados e os que aqui se estabelecerem há muito tempo. No futuro, as discussões sobre a assimilação versus pluralismo serão muito diferentes, à medida que as distinções de raça e etnicidade forem desaparecendo.

Nos últimos anos da década de 90, muitas leis referentes à reforma dos benefícios sociais foram elaboradas pelo Congresso e sancionadas pelo presidente Clinton. Essa legislação limita certos tipos de assistência pública aos imigrantes. Tendo em mente essa situação, e como os imigrantes mais recentes têm maior probabilidade de serem pobres do que os que aqui chegaram anteriormente, ainda não se sabe como as localidades com altas taxas de imigração prestarão serviços adequados àqueles que deles necessitarem.

O que o futuro nos reserva? As discussões a respeito da imigração dizem alguma coisa sobre nós mesmos, como americanos. Os limites entre os grupos estão se tornando cada vez mais obscuros. Embora a eliminação completa das distinções talvez não seja possível e nem desejável, parece inevitável que tais distinções sejam minimizadas. As pessoas que elaboraram a Constituição, escrevendo, "Nós, o Povo dos Estados Unidos, para podermos formar uma união mais perfeita..." no final do século XVIII

estavam externando suas esperanças de que fosse estabelecida uma nação de imigrantes. Ao entrarmos no século XXI, o desafio americano reside em continuar a incorporar imigrantes à nossa visão do futuro. ■

Daphne Spain, Ph.D., é professora de planejamento urbano e de desenvolvimento na Escola de Arquitetura da Universidade de Virginia em Charlottesville [School of Architecture, University of Virginia (Charlottesville)]. Ela é a autora de "America on the Edge of Two Centuries" ["A América no Limite Entre Dois Séculos", um relatório publicado em maio de 1999 pelo Escritório de Referências Populacionais [Population Reference Bureau], Washington, D.C., EUA.

O NASCIMENTO DE UMA VELHA GERAÇÃO

THEODORE ROSZAK

Meu jornal da manhã traz uma notícia cultural curiosa. As redes de televisão fizeram suas pesquisas anuais de audiência para determinar a renda com a publicidade na próxima temporada. Os vencedores são as duas redes que obtiveram mais sucesso na tarefa de atrair a faixa etária de 18 a 49 anos de idade, a qual, segundo a imprensa, é considerada a mais valiosa pelo pessoal da área de publicidade.

Mais de 30 anos atrás, o mercado americano, pela primeira vez, descobriu a "demografia jovem." Os turbulentos filhos da explosão populacional, que pareciam, naquela época, ter descoberto o segredo da eterna juventude, já estão, há muito tempo, na problemática meia-idade, época em que todos precisam fazer concessões, de uma forma ou de outra. No entanto, os anunciantes e a mídia — assim como os políticos e as pessoas responsáveis pela elaboração de políticas diversas — continuam obcecados com a juventude e parecem ignorar as necessidades e as opiniões dos americanos de idade mais avançada. Um redator publicitário relativamente idoso lamentou, em uma edição especial da *New York Times Magazine* a respeito desse crescimento do número de pessoas idosas, que "para os anunciantes, a juventude é excitação e "glamour"...Isso remonta a uma daquelas normas tácitas do marketing: não faça nada dirigido aos consumidores com 50 anos ou mais, porque eles estão fora de alcance."

No seu livro "The Conquest of Cool", de 1997, sobre "cultura empresarial, contracultura e o advento do consumismo 'da moda,'" Thomas Frank argumenta que a preocupação com a juventude que



surgiu na década de 60 nunca vai desaparecer. "A juventude sempre vence," ele escreve. "O novo substitui naturalmente o velho...Com certeza teremos novas gerações de rebeldia da juventude, da mesma forma que teremos novas gerações de escapamentos de carros, ou de dentifício, ou de calçados." Se Frank estiver certo, o setor empresarial dos Estados Unidos, assim como os seus meios de comunicação, está em guerra com o Escritório de Recenseamento dos Estados Unidos. Isso também se aplica aos políticos que ignoram os idosos. Todos esses setores estão ignorando o principal fato demográfico do século XXI: os jovens são uma espécie em extinção. O futuro está nas mãos dos velhos.

Embora os jovens ainda representem um mercado, eles estão fadados a ter suas fileiras, assim como o seu poder de compra, inexoravelmente reduzidos. Os Estados Unidos vêm envelhecendo coletivamente desde 1800. Na época de Thomas Jefferson, metade da população branca se encontrava abaixo dos 16 anos de idade, uma taxa de idosos em relação a jovens que nunca mais ocorreu no país. No decorrer do século XIX, apesar do vaivém demográfico causado pela ondas de imigrantes e epidemias mortais, a expectativa de vida aumentou e a sociedade se tornou cada vez mais idosa. Entre 1930 e 1940, foram realizadas conferências para tentar encontrar soluções para os problemas causados por uma crescente população de indivíduos idosos. Atualmente, os americanos com mais de 50 anos de idade formam o segmento da sociedade que cresce mais rapidamente.

A grande exceção ao aumento, a longo prazo, da idade da sociedade dos Estados Unidos, foi a explosão populacional que ocorreu entre 1946 e 1964. Nesses anos, o número de nascimentos nos Estados Unidos cresceu de maneira significativa, tendo chegado a 3,7 filhos por família. Menos de uma década depois, como se uma onda de cansaço se abatesse sobre a população, a fertilidade total entre as mulheres nos Estados Unidos sofreu uma diminuição, chegando a um número baixo recorde em 1976 - 1,7 nascimentos por família - bem abaixo da taxa necessária para repor a população. Desde então, a exemplo da maior parte das sociedades industrializadas, a taxa de natalidade continua em uma trajetória descendente. O fato de a nossa taxa geral de crescimento populacional ter se mantido em torno do número necessário para a reposição se deve, cada vez mais, à imigração.

Em todos os lugares, nas sociedades industrializadas, as pessoas estão se casando mais tarde (isto é quando se casam); elas estão demorando mais tempo para terem filhos, e

OS IDOSOS: UM RECURSO VITAL

James Scheibel

O envelhecimento da população dos Estados Unidos poderia ser um grande desafio, se os idosos fossem um peso para a sociedade, e se eles desviassem recursos dos americanos mais jovens. Essa é a imagem, que, em algumas ocasiões, se pretendeu atribuir aos idosos. Na verdade, o envelhecimento da nação está dando uma excelente oportunidade ao grupo de aposentados mais saudáveis e com o mais alto nível de escolaridade da história dos Estados Unidos de nos ajudar a lidar com os desafios da sociedade atual do país.

O número de pessoas de mais de 65 anos nos Estados Unidos dobrou nas últimas quatro décadas, e deverá dobrar novamente até o ano 2030. Os aposentados de hoje estão descobrindo que, após deixar o mercado de trabalho, eles agora têm tempo, energia e vontade para se dedicarem ao trabalho voluntário para o qual eles tinham pouco tempo quando estavam trabalhando. Eles estão se filiando a organizações como o Corpo Nacional de Serviços de Idosos [National Senior Service Corps], uma rede de mais de meio milhão de idosos.

No Corpo, que faz parte da Corporação de Serviço Nacional [Corporation for National Service], 24.000 avós adotivos passam 20 horas por semana em prisões, albergues, instituições de apoio aos menores carentes, salas de aula, abrigos para os sem-teto e outras instituições, ajudando os jovens que sofreram as conseqüências dos maus tratos e do abandono, e cuidando de bebês prematuros e crianças deficientes. Aproximadamente 13.000 "companheiros mais velhos" ajudam outros idosos que residem em unidades de vida independente. E ainda há outros voluntários idosos que dão aulas de reforço para jovens estudantes, constroem casas, patrulham bairros e entregam refeições às pessoas que estão impossibilitadas de sair das suas casas - geralmente enfermos ou portadores de deficiências. Além disso, os homens e mulheres de mais de 55 anos estão, cada vez mais, colocando as suas habilidades, talentos, interesses e criatividade à disposição de entidades locais sem fins lucrativos, entidades assistenciais e programas empresariais de trabalho voluntário. Eles estão empregando suas habilidades em atividades que variam desde a educação e cuidados com a saúde até a segurança pública e o meio ambiente. Os idosos parecem se prestar muito bem para lidar com os problemas das crianças e dos jovens. Por exemplo, os cinco projetos de demonstração do Corpo de Experiência [Experience Corps] da Corporação de Serviço Nacional estão se valendo dos voluntários idosos não apenas para dar aulas individuais de reforço nas salas de aula, mas também para dar início a programas de atividades após o horário das aulas, recrutar pais para se filiarem às associações de pais e mestres e para trazer novos recursos da comunidade para as escolas.

À medida que um número cada vez maior de idosos e aposentados procuram se envolver com os serviços comunitários, o desafio aos encarregados de criar políticas é a criação de mais oportunidades para que os idosos prestem serviços - tanto em regime de meio expediente quanto de horário integral. O aproveitamento do potencial dos 50 milhões de idosos dos Estados Unidos poderia ajudar na construção de uma sociedade melhor para todos os americanos. O renomado psicólogo Erik Erikson, disse, certa vez, que o desafio final da vida é aceitar a idéia de que "Eu sou a parte de mim que sobrevive." Se ele estiver certo, o trabalho voluntário - em especial o tipo de prestação de serviços que exerce influência sobre os jovens - é essencial para que a pessoa possa ter uma velhice proveitosa e benéfica.

James Scheibel é vice-presidente da Corporação de Serviço Nacional [Corporation for National Service] em Washington, D.C.

quando o fazem, a prole é menos numerosa. Como até mesmo os alarmistas da explosão populacional agora estão admitindo, o declínio na procriação está inegavelmente associado ao que o mundo moderno chama de progresso. As mulheres,



particularmente consideram a falta de filhos, ou o fato de ter filhos quando mais velhas, uma experiência liberalizante; essa situação lhes dá a oportunidade de dedicar mais tempo das suas vidas ao investimento em suas carreiras, às viagens e aos estudos. Os próprios filhos da explosão populacional do país estabeleceram esse padrão de reprodução. Em meados da década de 70, quando o movimento pela liberação das mulheres atingiu o seu apogeu, o número de mulheres, na faixa dos 20 aos 30 anos, sem filhos, duplicou; na década seguinte, o número de nascimentos de filhos de mulheres entre as idades de 30 e 35 anos triplicou. A maior parte dessas mães mais velhas trabalhavam e tiveram menos filhos,

freqüentemente apenas um.

Mas os americanos mais velhos não sobrepujam os mais novos apenas no que diz respeito aos números. Sua participação na riqueza nacional excede, e muito, a participação dos seus filhos e netos — um fato que pode ser muito interessante para os profissionais de marketing que dirigem suas atenções, tão ansiosamente, a um público-alvo mais jovem. O quarto da população dos Estados Unidos que terá mais de 50 anos de idade no início do século XXI tem uma renda pessoal anual de quase um trilhão de dólares. Esses americanos mais velhos controlam a metade da renda disponível do país, 75 por cento do seu ativo fixo (mais de 8 trilhões), e 80 por cento das suas contas de poupança.

Com uma longa expectativa de vida à sua frente, a geração da explosão populacional se tornará mais rica à medida que envelhece. Os filhos da explosão populacional herdarão cerca de 10,7 trilhões dos seus pais. Segundo as estimativas da Administração de Seguridade Social [Social Security Administration], graças às economias pessoais, ao serviço de assistência médica [Medicare], ao fato de possuírem as casas em que moram, e ao fato de terem incentivos fiscais, os americanos com mais de 65 anos de idade possuem, atualmente, a maior renda disponível da nação — mais de duas vezes maior do que a das pessoas na faixa dos 25 aos 34 anos. Somente entre as mulheres pós-menopausa, existe o que a colunista Ellen Goodman chama de "um sonho dos profissionais de marketing" — 50 milhões de mulheres bem informadas, que compram livros e que consomem cultura, sendo que muitas delas são as primeiras beneficiárias da terapia de reposição hormonal que as manterá vivas e ativas, e talvez até ganhando dinheiro, até uma idade bastante avançada.

"Sempre haverá um mercado jovem," observa Cheryl Russel, colaboradora de "American Demographics", "mas esse mercado nem sempre será tão poderoso em relação aos outros mercados. No futuro, as empresas americanas terão que aprender a amar as pessoas de meia-idade."

Uma mudança demográfica tão dramática não pode deixar de estar ligada a maiores mudanças políticas que podem acontecer. À medida que o centro de gravidade financeiro e político da

sociedade americana se move continuamente em direção à geração mais velha, os valores que se firmam entre os americanos mais velhos se tornam cada vez mais importantes. Os idosos não são apenas os donos dos bens materiais nos Estados Unidos; eles também são os eleitores mais conscientes do país. Conquistar a sua lealdade pode ser o maior objetivo político do próximo século.

Os estudos do comportamento dos eleitores indicam que os eleitores mais velhos não têm nenhuma orientação política previsível sobre qualquer assunto — com exceção de ameaças evidentes aos benefícios aos quais têm direito. Por mais conservadores que possam ser a respeito de muitas questões, os idosos são a âncora do estado do bem-estar social, e essa âncora está ficando mais pesada a cada ano que passa. Essa tendência inexorável é o motivo da urgência com que estão sendo feitas campanhas para cortar ou privatizar programas assistenciais como a assistência médica (Medicare) e a seguridade social (Social Security). Por exemplo, o Projeto Paul Tsongas [Paul Tsongas Project], um ramo da Coalizão Concord [Concord Coalition] que tem uma postura conservativa no que diz respeito às questões fiscais, tem realizado sessões públicas de discussão sobre a "responsabilidade quanto às gerações", e tem anunciado na sua literatura que "antes que a explosão populacional se transforme na explosão dos velhos, nossas lideranças políticas estão tendo uma oportunidade" de reformar a política assistencial. Os integrantes do projeto acreditam que os benefícios "logo estarão consumindo todas as verbas federais."

Isso parece alarmante, mas quando é "logo"? Se não fizéssemos nada para reestruturar a Seguridade Social entre agora e 2032, o sistema ainda seria capaz de pagar 75 por cento do que deve. Mesmo na pior das hipóteses, não há uma emergência muito convincente. Mas é claro que a sociedade americana não vai ficar parada sem fazer "nada" a respeito da Seguridade Social. Como a Administração da Seguridade Social deixou claro, uma série de ajustes modestos e graduais de custeio e cobertura - nenhum dos quais requer privatização - manterá o programa economicamente viável no próximo século.

Outros inimigos dos benefícios expressaram suas



críticas de forma mais veemente. Peter G. Peterson, presidente e fundador da Concord Coalition, alerta que o programa Medicare em breve terá que tomar uma atitude: terá que usar o "R" de racionamento. Ele pode acreditar, como declarou, que está defendendo os interesses dos "nossos filhos" — mas será instrutivo observar quantos desses filhos estarão dispostos a fazer uma contribuição em dinheiro, quando o administrador de uma empresa prestadora de serviços médicos, com fins lucrativos, lhes disser que será economicamente inviável, para a empresa, prolongar a vida dos seus pais, quando estes estiverem doentes.

No passado, a função dos sindicatos dos trabalhadores era assegurar que a riqueza da nação fosse distribuída de maneira equitativa. Nos anos vindouros, talvez tenhamos que contar com o poder dos nossos avós como a única entidade com força e benevolência suficiente para por um freio na comunidade empresarial americana e na expansão da globalização. Se um ato de rebeldia desse tipo parece ser muita coisa para se esperar dos mais velhos, devemos nos lembrar de que os filhos da explosão populacional são uma geração que sempre

OLHANDO PARA O FUTURO: A PERSPECTIVA DE UM FILHO DA EXPLOÇÃO POPULACIONAL

Trechos de uma Segmentation Analysis [Análise de Segmentação] da American Association of Retired Persons [Sociedade Americana de Aposentados]

A geração da explosão populacional é a componente da população dos Estados Unidos nascida entre 1946 e 1964, no período posterior à Segunda Guerra Mundial. Por muitas décadas, essa geração vem atraindo a atenção dos demógrafos, políticos, especialistas em marketing e cientistas sociais, com a passagem dos anos - desde o período de prosperidade da década de 50 até a contra-cultura da década de 60, e depois, a época das famílias com dois salários e a geração egocêntrica das décadas de 70 e 80, até a década atual.

Atualmente os filhos mais velhos da explosão populacional estão na faixa dos 50 anos, e portanto, estão se aproximando da época de se aposentar. Na verdade, alguns deles já se aposentaram. Muitos o farão bem antes do ano 2010.

Uma pesquisa recente, realizada pela American Association of Retired Persons (AARP) [Sociedade Americana de Aposentados], acumulando informações reunidas por meio de grupos de pesquisa, por um grande número de entrevistas por telefone, e por outros meios de se fazer pesquisas de opinião pública, apresentou um panorama das expectativas dos filhos da explosão populacional sob alguns aspectos. A pesquisa revelou o seguinte:

- Oito em cada dez deles têm planos de trabalhar pelo menos em regime de meio expediente após a aposentadoria. Somente 16 por cento dizem que não pretendem trabalhar.
- Seis em cada dez têm confiança na sua própria capacidade de se preparar adequadamente para o futuro. Somente 23 por cento acreditam que terão dificuldades financeiras.
- Somente dois em cada dez apresentam uma atitude do tipo "o futuro se resolverá por seus próprios meios", e somente nove por cento acreditam na dependência da própria família para a obtenção de assistência após a aposentadoria.
- Dois terços estão satisfeitos com a quantidade de dinheiro que estão depositando atualmente no banco, para a sua aposentadoria. Menos da metade (48 por cento) estão contando com a Seguridade Social [Social Security] como fonte de renda para aposentadoria, e desses, somente 15 por cento espera contar com essa instituição para a maior parte ou para a totalidade das suas necessidades, após a aposentadoria.
- Quase a metade dos entrevistados (49 por cento) esperam dedicar mais tempo ao serviço comunitário ou à prática do trabalho voluntário após a aposentadoria.
- Mais de sete em cada 10 (73 por cento) têm planos de ter um hobby ou algum interesse especial ao qual deverão dedicar uma parte considerável do seu tempo quando estiverem aposentados.
- Mais de oito em cada dez (81 por cento) dos que dizem ter pensado seriamente em se aposentar dizem que se sentem otimistas no que se refere ao período pós-aposentadoria.

esperou muito de si mesma. Os idosos do futuro não podem ser julgados pelos idosos do presente; quando os filhos da explosão populacional entrarem para a categoria dos idosos, podemos esperar um comportamento político muito diferente.

A próxima geração de idosos nos Estados Unidos será a geração que terá o mais alto grau de escolaridade, será a mais viajada, terá o melhor treinamento profissional, será a mais astuta, politicamente falando, e a mais criativa, culturalmente, que este país já criou. E os elementos dessa geração tem uma formidável herança cultural. Eles conquistaram um espaço nos livros de história como rebeldes que cerraram suas fileiras em defesa de muitas causas nobres: os direitos civis, o desarmamento nuclear, a liberdade sexual, a defesa dos direitos do consumidor, a saúde ambiental e a liberação das mulheres, dos homossexuais e das minorias. Desde os tempos de figuras politicamente independentes como Robert LaFollette e o presidente Theodore Roosevelt, no início do século, nenhuma geração desafiou a estrutura de poder, levantando questões



desafiadoras a respeito do uso ético da riqueza e do poder.

A juventude é uma época em que se assume posturas morais elevadas; a idade avançada é outra. É verdade que a geração jovem e contestadora da década de 60 chegou a uma condição adulta que cobrou um tributo do seu idealismo. Mas com o tempo, os adultos envelhecem mais ainda e finalmente se aposentam, ficando em uma situação que chega a ser parecida com a liberdade dos tempos de estudante.

Uma pessoa que reconheceu esse fato bem cedo, na década de 60, é Maggie Kuhn, fudadora da Grey Panthers, uma organização educacional e de defesa de idéias que envolve várias gerações, e que trabalha em prol da justiça social e econômica. A organização trata de questões como a assistência médica em âmbito nacional, empregos, seguridade social, habitação, meio ambiente sustentável, educação e paz. "Os velhos," diz ela, "tendo o benefício da experiência da vida, o tempo para fazer coisas, e muito pouco a perder se expondo, estavam na situação ideal para agirem como defensores do bem público em geral."

Foi um erro considerar os estudantes universitários da década de 60 membros convencionais da classe média. Pode ser igualmente tolo assumir que a próxima geração de idosos simplesmente desaparecerá, tornando-se politicamente inexpressiva, assim como ocorreu com os seus pais quando eles eram menos numerosos e a palavra "velho" era, invariavelmente, relacionada à palavra "pobre". "Estar aposentado", Kuhn observou, "é como ser rico. Ninguém pode demiti-lo."

Se procurarem em seu repertório ético, os filhos da explosão populacional facilmente encontrarão muitas alternativas de contracultura em que poderão se basear para dar forma à revolução da longevidade. Eles cresceram com o tipo de desejos utópicos que críticos sociais como Paul Goodman consideravam o início das mudanças políticas significativas. Da primeira vez, aqueles que sonharam em alternativas para o status quo podem ter sido imaturos; eles precisavam do benefício do amadurecimento. E isso é o que eles ganharam na passagem dos anos 60 para os anos 90. Agora eles formam a geração mais velha, e já não podem mais ser considerados crianças mimadas. A aposentadoria lhes dá o tempo

— e os benefícios sociais lhes dão a oportunidade — de voltar à paixão moral que, no passado, os caracterizou como uma geração extraordinária.

Atualmente o estereótipo de desenho animado do americano idoso é aquele do parasita moribundo se arrastando em um campo de golfe. Essa imagem está muito longe da realidade dos nossos idosos de hoje, que estão expandindo o setor de voluntariado da economia, tornando-se cada vez mais politicamente engajados, e demonstrando um grande interesse em se manter em dia com a modernidade, tornando-se hábeis usuários de computadores. Como todos os conselheiros de aposentadoria sabem, na idade avançada as pessoas levam o significado da vida a sério e procuram se dedicar a questões que tenham uma importância duradoura. A próxima geração de idosos pode descobrir tal significado no trabalho que deixou inacabado há muitos anos.

O poeta William Wordsworth, que chegou à idade adulta na época da Revolução Francesa, escreveu o seguinte a respeito dos jovens que viveram naqueles tempos turbulentos: "Era uma felicidade estar vivo naquela alvorada/E ser jovem era estar no céu!" Seria extraordinário, de fato, se o verdadeiro destino da discórdia radical do nosso tempo não estivesse — na alvorada dessa geração em particular, e sim nos seus anos outonais, ainda à espera da realização. ■

*Theodore Roszak é professor de história na Universidade Estadual da Califórnia, em Hayward [California State University, Hayward]. Ele é o autor de *America the Wise: The Longevity Revolution and the True Wealth of Nations* (Houghton Mifflin Company, 1998), e de *The Making of a Counterculture: Reflections on the Technocratic Society and Its Youthful Opposition* (University of California Press, 1995).*

Este artigo foi publicado anteriormente na edição de Outubro/Novembro de 1998 de *Civilization*. Sua reprodução foi autorizada.

A POPULAÇÃO DOS EUA: ONDE ESTÃO OS NOVOS IMIGRANTES

WILLIAM H. FREY

Com a imigração para os Estados Unidos continuando a uma taxa de um milhão de recém-chegados por ano — em grande parte de origem latino-americana e asiática — o perfil demográfico do país está se tornando cada vez mais diverso na sua composição racial e étnica. Pelo menos isso é o que se percebe quando se examina as estatísticas nacionais. O censo do ano 2000 revelará que pelo menos três em cada dez residentes dos Estados Unidos serão de algum grupo diferente dos brancos de origem inglesa. No ano 2006, a população hispânica suplantarà a população negra. E no ano 2030, um entre cada quatro indivíduos pertencerà à etnia hispânica ou asiática.

Essas estatísticas, de âmbito nacional, sugerem a formação de um "único cadinho", formado por norte-americanos de uma variedade de origens culturais. No entanto, quando se examina as tendências de assentamento em áreas metropolitanas específicas, tem-se uma impressão bem diferente. Por um lado, descobrimos que já existem 25 áreas metropolitanas que se encaixam no perfil nacional "do ano 2030" (no qual pelo menos 25 por cento da população é de origem hispânica ou asiática, e menos de 60 por

cento é de origem inglesa). Essas áreas incluem grandes áreas metropolitanas como Los Angeles, San Diego e San Francisco (Califórnia), Miami (Flórida) e Houston (Texas), bem como muitas áreas metropolitanas menores na Califórnia, no Novo México e ao longo da fronteira do Texas com o México. Por outro lado, bem mais da metade (148) das 271 áreas metropolitanas possuem uma população que é pelo menos 80 por cento branca — no nordeste, meio-oeste e nos estados da região montanhosa, bem como em grandes áreas do sul — onde os negros, em vez dos novos imigrantes, tendem a compor o principal grupo não-branco.

Resumindo, os novos imigrantes que chegam e o fluxo de minorias latino-americanas e asiáticas para os Estados Unidos continuam muito concentrados em poucas áreas metropolitanas ou "cadinhos múltiplos." Nessas áreas, os níveis de casamentos inter-raciais e os níveis menos elevados de segregação residencial acompanham os enclaves étnicos, uma nova classe empreendedora, e a rica diversidade cultural que definia as comunidades de imigrantes no final do século passado e no começo do atual, nos Estados Unidos. A questão é quando e com que rapidez esta diversidade "se espalha" pelas outras áreas da nação. A nova análise que se segue é baseada em estatísticas de recenseamento recentemente divulgadas, que sugerem que um certo "espalhamento" dos novos imigrantes pertencentes a

minorias está, de fato, acontecendo, e indica as áreas metropolitanas que podem esperar um crescimento cada vez maior das populações hispânicas e asiáticas.

Primeiro vamos analisar as clássicas áreas metropolitanas que funcionam como pólos de atração de imigrantes, e que ainda abrigam a pluralidade dos grupos minoritários de indivíduos nascidos no exterior, que vivem nos Estados Unidos.

OS PÓLOS DE ATRAÇÃO "CLÁSSICOS" DE IMIGRANTES

Durante os primeiros sete anos da década de 90, aproximadamente 65 por cento de todas as pessoas que imigraram para os Estados Unidos se situaram em apenas 10 áreas metropolitanas. Nova York e Los Angeles receberam aproximadamente um milhão cada, San Francisco recebeu aproximadamente um terço desse número, seguida de Chicago (Illinois) que recebeu 250.000. As seis cidades remanescentes (Miami; Washington, D.C.; Houston e Dallas, Texas; San Diego; e Boston, Massachusetts) reunidas, receberam menos do que o total de pessoas recebidas por Nova York ou Los Angeles isoladamente.

Essas 10 áreas, que representam os principais pontos de destino dos imigrantes recentes, abrigam cerca de apenas 30 por cento da população total dos Estados Unidos. Além disso, todas elas, com exceção de Dallas e Houston, estão perdendo migrantes domésticos para outras partes do país, ao mesmo tempo em que estão recebendo grandes contingentes de imigrantes. E Nova York e Los Angeles dominam as estatísticas, tendo perdido, cada uma, aproximadamente 1,5 milhão de migrantes domésticos no período de 1990 a 1997.

Por que os imigrantes continuam a se dirigir, em grandes números, para as áreas que parecem estar se tornando menos desejáveis para os residentes dos Estados Unidos? A resposta está na forte tradição de reunificação de famílias das leis de imigração dos Estados Unidos, e a necessidade que os compatriotas de países com origem, línguas e culturas similares têm de viver em comunidades onde eles receberão apoio, tanto econômico quanto

social. A imigração para reunificação de famílias tende a ocorrer em "correntes" que unem os membros da família e amigos a destinos comuns. Isso é particularmente verdadeiro no caso dos imigrantes com baixo nível de qualificação profissional, pois eles são mais dependentes dos laços familiares para obter auxílio, quando se trata de obter acesso às redes de mão-de-obra informal que existem nas áreas metropolitanas que servem como pólos "clássicos" de atração de imigrantes.

Em comparação, a maior parte dos indivíduos que aqui nasceram, bem como os que aqui residem há mais tempo, especialmente os brancos e negros, têm maior mobilidade. Sob o ponto de vista econômico e social, eles não sofrem restrições que os induzam a se concentrar em determinadas áreas do país. Suas tendências migratórias são determinadas, de maneira muito mais marcante, pelos altos e baixos das oportunidades de trabalho e das amenidades associadas à qualidade de vida do que pelos laços familiares. Portanto, as perdas, devido à migração doméstica, de Nova York, Los Angeles, e outras regiões metropolitanas com grande número de imigrantes, não significam, necessariamente que os residentes dos Estados Unidos estão "fugindo" dos imigrantes. O que na verdade acontece é que os não-imigrantes dependem menos das redes de familiares e amigos para obter informações referentes a empregos. Eles tendem a se dirigir para os lugares onde o crescimento no número de postos de trabalho tenha sido mais marcante nas últimas décadas, especificamente grandes áreas do oeste, excluindo a Califórnia, e muitos setores do "novo sul" que estão gerando muitos empregos, como Atlanta — áreas nas quais o perfil racial-étnico seja, em grande parte, branco e negro.

Da mesma forma que os 10 pólos "clássicos" de atração de imigrantes atraíram a maior parte da população de imigrantes recentes, não deve causar estranheza o fato de que eles abrigam a maior parte das populações hispânicas e asiáticas da nação. Aproximadamente seis entre dez hispânicos e asiáticos vivem nessas áreas. Somente a cidade de Los Angeles abriga aproximadamente um quinto da população hispânica dos Estados Unidos; no entanto, cada área metropolitana tem a sua própria combinação. Miami é um destino que atrai grande

quantidade de cubanos; Nova York atrai dominicanos, porto-riquenhos e outros grupos de origem caribenha; e Chicago continua sendo um pólo de atração para os mexicanos. Apenas três áreas metropolitanas, Los Angeles, Nova York e San Francisco, alojam mais de 40 por cento de todos os asiáticos dos Estados Unidos, embora nesses lugares também, os principais países de origem variem. Os chineses formam um grande contingente de imigrantes para Nova York, muitos filipinos são atraídos por Los Angeles, e ambos os grupos são representados por grandes números de indivíduos em San Francisco.

Tendo em vista essas estatísticas, não nos surpreende o fato de que quatro dos dez pólos clássicos de atração de imigrantes chegaram, ou estão a ponto de chegar, a ter uma "minorias branca" (43 por cento em Miami e Los Angeles, 54 por cento em Houston e 55 por cento em San Francisco). A região metropolitana da Grande Nova York, que abrange 29 condados em quatro estados diferentes, no momento já possui apenas 60 por cento de brancos — bem abaixo da média nacional (72 por cento). Além disso, a diversidade está atingindo toda a área metropolitana, não se restringindo ao centro da cidade. Desses 29 condados, 21 estão ganhando habitantes em virtude da imigração, e ao mesmo tempo, estão perdendo habitantes devido à migração interna para outras partes do país.

Essas áreas metropolitanas se beneficiam do fato de serem "cadinhas múltiplas", apesar de o resto do país não apresentar a mesma diversidade. A concentração de grandes números de novas minorias raciais e étnicas, em conjunto com brancos e negros, deve resultar em maior incorporação social e econômica desses grupos às suas áreas metropolitanas. A natureza dessa incorporação, envolvendo grandes números de grupos diversos como mexicanos, centro-americanos, coreanos, indianos, vietnamitas e outros, deverá diferir de uma área metropolitana para a outra, dependendo da combinação dos grupos que residem em cada área. De qualquer maneira, a segregação residencial desses novos grupos dentro das regiões dos seus portos de entrada, seu estabelecimento em nichos ocupacionais bem definidos — e, para alguns grupos — níveis extremamente baixos de poder político, farão com que a sua trajetória, rumo à total

incorporação econômica e política, seja um desafio. No entanto, os níveis crescentes de casamentos entre raças diferentes, que parecem estar ocorrendo nessas áreas metropolitanas, e a evidência de que as crianças da segunda geração têm maior probabilidade de falar bem o inglês e de se identificar como americanos com hífen (como por exemplo, ítalo-americanos) sugerem que existe um potencial para que, mais tarde, a assimilação ocorra, associada a uma movimentação tanto ascendente quanto para fora desses locais "clássicos" de destino de imigrantes.

NOVOS DESTINOS DE IMIGRANTES

Atualmente, estamos vendo provas, pela primeira vez, de alguma "distribuição" dos indivíduos pertencentes às novas minorias imigrantes, especialmente os asiáticos e os hispânicos, para as áreas metropolitanas que, anteriormente, vinham apresentando pequenas concentrações de tal representação. Para esses grupos minoritários, as "correntes" migratórias dos pólos clássicos, ou dos seus países de origem, estão apenas começando. Muitas dessas áreas metropolitanas estão apresentando um crescimento substancial na população de brancos e negros, também. Essas cidades e seus arredores tendem a ser pólos de atração e de geração de empregos na década de 90; as novas minorias de imigrantes acima mencionadas estão encontrando nichos tanto na extremidade superior quanto na inferior do espectro econômico. Nessas áreas, a população de cada grupo aumentou pelo menos 40 por cento no decorrer dos primeiros sete anos da década de 90, com pelo menos 50.000 membros do grupo habitando a área em 1997.

No que diz respeito aos hispânicos, Las Vegas aumentou a sua população de origem latina em mais

de 100 por cento durante esta década. Atlanta, a capital do "novo sul", vem logo depois; em Atlanta, até recentemente, os hispânicos tinham uma presença muito pouco significativa. Quanto às demais áreas metropolitanas cuja população hispânica apresentou grande crescimento, elas se encontram, na sua maioria, no sudeste e no oeste dos Estados Unidos: Portland (Oregon), Orlando e West Palm Beach (Flórida), Salt Lake City (Utah), Seattle (Washington), Austin (Texas) e Phoenix (Arizona); cada uma dessas cidades teve um aumento de mais de 50 por cento na sua população hispânica durante a década de 90. Yakima (Washington), Tampa (Flórida), Colorado Springs (Colorado), Minneapolis (Minnesota), Oklahoma City (Oklahoma) e Bakersfield e Modesto (Califórnia) tiveram um aumento de 40 por cento ou mais nas suas populações hispânicas.

As comunidades que já abrigam populações hispânicas significativas incluem Austin, Phoenix, Yakima, Bakersfield e Modesto. No entanto, existem grandes áreas metropolitanas em que a presença hispânica é pequena apesar do recente surto de crescimento (Atlanta, 3,2 por cento; Seattle, 4,2 por cento; Minneapolis, 2,1 por cento; Oklahoma City, 4,8 por cento). Os hispânicos que se estabeleceram primeiro nessas áreas vão encontrar menos infraestrutura social ou capital disponível, mas a sua chegada provavelmente preparará o terreno para outros indivíduos que se mudarão na próxima década.

As áreas metropolitanas que estão se destacando como novos pólos de atração de asiáticos incluem Las Vegas e Atlanta — onde a população asiática cresceu 92 por cento e 79 por cento respectivamente. Destacam-se também as cidades de Phoenix, Dallas e Houston; cada uma delas teve um aumento de mais de 50% da sua população asiática no decorrer da década de 90. Outros novos pólos de atração de asiáticos incluem Minneapolis, Portland, Boston, Seattle, Detroit (Michigan), Denver (Colorado) e Miami. A presença dos asiáticos nessas áreas metropolitanas não é particularmente grande. Com exceção de Seattle (7,6 por cento) e Houston (4,6 por cento) a participação de asiáticos

nas populações das demais áreas é inferior a quatro por cento, e geralmente é muito menor do que isso. No entanto, essas áreas, na sua maioria, apresentam economias em rápida expansão, com um rápido crescimento no número de postos de trabalho. A população asiática é particularmente atraída pelas regiões que se destacam pelas indústrias relacionadas à engenharia e à alta tecnologia — o que é um fator significativo em alguns desses pólos metropolitanos.

RESUMO

É evidente que os imigrantes asiáticos e hispânicos estão se instalando em regiões dos Estados Unidos com as quais, normalmente, eles não são facilmente associados. No entanto, o que é ainda mais importante é o fato de que eles provavelmente continuarão a ser minorias em comunidades que são predominantemente brancas. Esses "pioneiros" étnicos estão se beneficiando de novas oportunidades mas também estão absorvendo o impacto de novos desafios, assim como os indivíduos que imigraram, em épocas passadas, para os Estados Unidos. No passado, outros grupos pioneiros migraram para os subúrbios de Nova York, Chicago e San Francisco. A migração atual conduz as novas minorias para os mercados de trabalho em comunidades como Salt Lake City, Minneapolis, Oklahoma City e Colorado Springs. O resultado é que essas mudanças de direção, nos nossos "cadinhos múltiplos", esses novos locais de destino de imigrantes, sem dúvida formarão a natureza das relações raciais no futuro, tanto em âmbito local quanto nacional. ■

William H. Frey é professor no Centro de Análise Social e Demográfica [Center for Social and Demographic Analysis], da Universidade Estadual de Nova York [State University of New York], em Albany. Ele também é Pesquisador Sênior de Estudos Demográficos [Senior Fellow of Demographic Studies] no Instituto Milken [Milken Institute] em Santa Monica, Califórnia, EUA.

A MISCIGENAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS

ROCHELLE L. STANFIELD

Durante anos, o trabalho de Jorge DelPinal, como assistente do chefe da Divisão de População do Escritório de Recenseamento [Census Bureau's Population Division] consistia em encaixar as pessoas em divisões claras e distintas: brancas, negras, hispânicas, asiáticas ou indígenas. No entanto, como filho de mãe de origem inglesa e pai de origem hispânica, ele sabia, o tempo todo, que nem sempre isso era possível.

"Minha identidade acabou sendo hispânica, embora eu seja apenas meio-a-meio," ele explicou. Ele disse que, dessa forma, ele compreendia a frustração dos casais inter-raciais, que sempre foram orientados no sentido de atribuir apenas uma raça aos seus filhos quando preenchem formulários de órgãos do governo. "Eles estão dizendo: "Por que temos que fazer uma opção entre os pais?", disse o funcionário do Escritório de Recenseamento.

No censo decenal de 2000, esse não será mais o caso. Pela primeira vez, os formulários do censo darão às pessoas a opção de assinalar a quantidade adequada de raças. O resultado disso é que o Escritório de Recenseamento deverá obter uma visão melhor dos casamentos inter-raciais nos Estados Unidos.

Na ausência de um método direto como esse, poucos anos atrás, o veterano demógrafo Barry Edmonston utilizou técnicas sofisticadas de criação de modelos matemáticos para calcular a maneira pela qual os casamentos inter-raciais estão mudando o perfil dos Estados Unidos, como parte

de um estudo sobre a imigração que ele dirigiu para o Conselho Nacional de Pesquisa da Academia Americana de Ciências [National Research Council of the American Academy of Sciences]. Seu estudo foi apresentado de forma resumida em um relatório intitulado *Os Novos Americanos: Efeitos Econômicos, Demográficos e Fiscais da Imigração* [The New Americans: Economic, Demographic and Fiscal Effects of Immigration]. Mas, sendo branco, nascido no Canadá, e casado com a socióloga Sharon Lee, que é chinesa-americana, Edmonston, na verdade, não precisava de nenhum computador para compreender a transformação que está ocorrendo nesta sociedade. Ele e sua família são participantes vivos e ativos dessa transformação.

A face da América está mudando — literalmente. Como disse o presidente Clinton, dentro de 30 ou 40 anos, quando não houver nenhuma raça específica como maioria nos Estados Unidos, "é bom que estejamos preparados para isto." De sua parte, Clinton está se preparando para essa época, falando sobre a tolerância racial e as virtudes do multiculturalismo. Outros estão discutindo a política de imigração. Praticamente todas as discussões têm como enfoque o potencial para a discórdia que é inerente a uma nação que já não é mais um país predominantemente branco de ascendência, em grande parte, européia.

Mas nos bastidores há outra tendência, que se for administrada com cuidado, pode aproximar mais as várias partes do país, em vez de separá-las. Esta silenciosa contra-revolução demográfica é um

aumento significativo no número de casamentos inter-raciais.

"A demografia é uma coisa muito íntima," observa Ben J. Wattenberg, pesquisador sênior no Instituto Empresarial Americano para a Pesquisa de Políticas Públicas [American Enterprise Institute for Public Policy Research] (AEI) em Washington. "Não se trata do que os ativistas dizem, e sim do que os jovens, homens e mulheres, fazem. E o que eles estão fazendo? Eles estão se casando e tendo filhos."

Segundo as projeções do estudo de Edmonston, até o ano 2050, 21 por cento da população dos Estados Unidos será composta por pessoas de origem racial ou étnica mista, em comparação com a proporção atual, que é de aproximadamente sete por cento. Entre os hispânicos e americanos de origem asiática de terceira geração, a exogamia — casamento fora do grupo étnico ou tribo do indivíduo — chega a pelo menos 50 por cento. Essas são as estimativas de Edmonston e de outros. A exogamia continua ocorrendo em uma proporção muito menor entre os negros, mas ela tem apresentado um enorme crescimento, de aproximadamente 1,5 por cento na década de 60 para 8 a 10 por cento atualmente.

Essa profunda mudança demográfica poderia estar ocorrendo sem que ninguém percebesse, porque, oficialmente, ninguém estava observando. Os órgãos do governo federal tradicionalmente coletam dados referentes às raças usando uma fórmula — uma pessoa, uma raça — semelhante ao tradicional princípio da contagem dos votos. Dessa forma, o Escritório de Recenseamento poderia estimar que nos formulários de recenseamento, não mais que dois por cento dos habitantes declarariam ser indivíduos multirraciais. Na ausência de uma contagem mais precisa, ninguém poderia saber, ao certo, qual é a situação demográfica.

Isso está prestes a mudar. Após o censo 2000, o governo dos Estados Unidos deverá ter uma idéia melhor. Em 1997, o Escritório de Administração e Orçamento [Office of Management and Budget], que fiscaliza as práticas estatísticas federais, aprovou

uma norma segundo a qual as pessoas podem assinalar, nos formulários, o número de raças que achar necessário para descreverem a si mesmas. Esta mudança foi uma acomodação entre as exigências de alguns grupos de interesses que queriam que fosse acrescentada uma caixa "multirracial", e daqueles que não queriam nenhuma mudança, pois temiam a diluição dos seus grupos.

Para se preparar para o censo 2000, o Escritório de Recenseamento fez simulações em três locais nos Estados Unidos. Em Sacramento, Califórnia, 5,4 por cento dos habitantes pesquisados assinalaram mais de uma raça, quase três vezes a proporção que muitos especialistas esperavam. As estatísticas também demonstram que número de casamentos inter-raciais está crescendo. Entre as pessoas de mais de 18 anos de idade, 4,1 por cento assinalaram mais de uma caixa; entre as pessoas de menos de 18 anos de idade, 8,1 por cento o fizeram.

Enquanto isso, na ausência de estatísticas oficiais, com o aumento da tensão referente às questões raciais, e com a suspeita mútua que existe entre grupos de interesses raciais e étnicos que competem entre si, há muita controvérsia sobre o que os casamentos inter-raciais significarão para a sociedade dos Estados Unidos no futuro.

Alguns sociólogos dizem que os casamentos inter-raciais entre asiáticos e brancos e entre hispânicos e descendentes de ingleses são apenas os últimos a serem acrescentados ao cadinho que, desde o início do século, tem unido tantas famílias irlandesas, italianas, alemãs, e outras, de origem européia. Mas apesar do aumento no número de casamentos entre negros e brancos, muitos duvidam que os negros serão incluídos nessa miscigenação.

"Acho que a linha, nos Estados Unidos, que é quase impossível de ser apagada, é aquela que separa os negros de todos os outros," diz Roger Wilkins, professor de história na Universidade George Mason [George Mason University], localizada em uma área suburbana da Virgínia. Wilkins vem se destacando, há muito tempo, como uma personalidade na área dos direitos civis. "Os negros sempre foram a massa impossível de ser digerida. No entanto, não há dúvida de que alguma coisa está acontecendo," ele continua. "Basta ver os anúncios nas televisão [com] belos modelos de ambos os sexos, que não são exatamente brancos. Essas

peças são uma mistura entre brancos e negros, negros e asiáticos, hispânicos e brancos? Simplesmente não se pode dizer."

Outros prevêem que o quarto de dormir fará o que outros catalisadores não conseguiram fazer. Douglas J. Besharov, pesquisador residente do AEI, disse, em um artigo publicado em 1996, em *The New Democrat*, que o número cada vez maior, de jovens de raças mistas representa "a melhor esperança para o futuro das relações raciais nos Estados Unidos."

Ramona Douglass, presidente da Associação de Americanos Multiétnicos [Association of MultiEthnic Americans], declarou, entusiasmada: "Somos a prova viva de que pessoas com duas origens raciais ou étnicas diferentes podem viver juntas em harmonia, que as famílias [inter-raciais], na verdade, funcionam." A mãe de Douglass é italo-americana, e seu pai é uma mistura das raças negra e indígena.

Muitos, naturalmente, argumentam que os casamentos inter-raciais constituem um genocídio gradual que resultará no desaparecimento do seu grupo específico. Esta era a visão tradicional da comunidade judia, que, através da história, defendeu cuidadosamente a sua pequena população contra as perdas devido à assimilação. Mas a altíssima taxa de casamentos de judeus com pessoas de outros grupos após a Segunda Guerra Mundial causou uma mudança na posição oficial dos elementos progressistas do judaísmo americano. Esses grupos ainda estimulam o casamento entre pessoas que tenham a mesma fé, mas em vez de criticar aqueles que se casam com não-judeus, eles, agora, estão procurando se aproximar desses casais formados por pessoas de raças diferentes.

"A comunidade judia, pelo menos as suas alas mais liberais, deixou de se considerar ultrajada, e agora busca uma aproximação," explica Egon Mayer, que é professor de sociologia na Faculdade do Brooklyn [Brooklyn College] e que foi um dos diretores do Banco de Dados Judeu da América do Norte [North American Jewish Data Bank] na Universidade da Cidade de Nova York [City University of New York] (CUNY). "Tem ocorrido uma

grande intensificação nos esforços de entrar em contato com essas famílias, de convidá-las para uma visita, e de estabelecer um ambiente multicultural, o que só nos trará benefícios."

Embora os sociólogos façam questão de ressaltar as diferenças entre os judeus e outros grupos minoritários, eles reconhecem que a evolução da postura dos judeus, no que se refere aos casamentos inter-raciais, pode servir de modelo para a nação como um todo, pois ela expõe, e em seguida encara, sem rodeios, a mistura racial e étnica nos Estados Unidos.

CADINHO

Se você quiser ver a nova face dos Estados Unidos, vá a um supermercado e examine uma caixa de produtos alimentícios da marca Betty Crocker. O retrato de Betty está, no momento, na sua oitava reencarnação, desde que a primeira pintura surgiu em 1936, com a pele muito branca e olhos azuis. Agora, ela tem olhos castanhos e cabelos escuros. Sua pele é mais escura do que a das suas sete antecessoras e suas feições representam uma amálgama de ascendência branca, hispânica, indígena, negra e asiática.

Um computador criou esta nova Betty em meados da década de 90, a partir de uma mistura das fotos de 75 mulheres de raças diferentes. Esse processo foi relativamente rápido, segundo as explicações dos representantes General Mills Inc. Mas eles reconhecem que demorou bastante tempo até que eles conseguiram fazer com que a nova imagem cobrisse toda a gama de produtos Betty Crocker.

A lentidão do processo poderia ser uma metáfora para a gradual mistura racial e étnica neste país. Na verdade, está demorando muito para que o novo americano miscigenado surja na consciência da sociedade. Tiger Woods, o jovem campeão de golfe, popularizou a tendência ao se identificar como "Cablinasian", uma mistura formada pelas raças branca, negra, indígena e asiática.

De modo geral, o mercado — e não o governo — assumiu a liderança, nesta evolução. Modelos de raça mista, especialmente homens, estão sendo muito disputados, de acordo com os especialistas da indústria da moda. E atores infantis multirraciais, no momento, têm maiores probabilidades de serem

procurados para participarem de anúncios na televisão.

As agências de publicidade que contratam esses atores "não são formadas por pessoas idealistas," diz Wilkins. "O que elas querem é vender coisas, e elas estudam, muito cuidadosamente, as tendências. Portanto, o que elas vêm é um grande mercado, que é atingido por pessoas lindas que não são exatamente brancas, e que não estão clamando por uma América miscigenada."

O fato de estudiosos sérios estarem falando sobre um cadinho é, em si, um retrocesso. Como metáfora para a diversidade americana, a expressão cadinho caiu no descrédito pela primeira vez após a Primeira Guerra Mundial, quando os imigrantes europeus, que estavam vindo para as cidades americanas em grandes números, formavam enclaves étnicos e nacionais distintos, que não se misturavam.

Ficou evidente que o momento não era o ideal, e o cadinho metafórico estava no lugar errado. A fusão entre as raças e etnias teve início após a Segunda Guerra Mundial, e aconteceu nos subúrbios. As pessoas da cidade se mudaram dos seus bairros italianos, poloneses, ou judeus, para ambientes suburbanos de características indefinidas, e em seguida matricularam seus filhos em grandes universidades públicas, onde eles se uniram aos jovens de outras origens étnicas, que, mesmo assim, vinham de famílias com estilos de vida similares.

"A maior parte das pessoas encontram seus possíveis parceiros na universidade ou quando começam a trabalhar," diz a socióloga Lee, professora da Universidade de Richmond [University of Richmond] (Virginia), que no momento está atuando como pesquisadora visitante na Universidade Estadual de Portland, Oregon [Portland (Oregon) State University]. "Quando você tem formação universitária, você provavelmente vai estar em um ambiente em que haverá pessoas de todos os tipos de origem étnica, e isso faz com que aumentem as suas chances de se casar com alguém diferente da sua própria origem étnica." Lee é um caso típico, pois conheceu seu marido, Edmonston, diretor do Centro Estadual de Pesquisa Populacional

e Recenseamento, de Portland [Portland State's Center for Population Research and Census], quando ambos eram estudantes.

David Tseng, assistente especial da Administração de Pensões e Benefícios do Departamento do Trabalho dos Estados Unidos [U.S. Department of Labor's Pension and Welfare Benefits Administration], tem uma história parecida. Sua mãe veio do Equador; seu pai era filho de um diplomata chinês em Washington. O casamento deles, no final da década de 50, foi um acontecimento incomum para a época. Mas, diz Tseng, "acho que o que ajudou foi o fato de que as pessoas com quem eles tinham amizade e convívio social eram educadas e inteligentes e se sentiam à vontade com pessoas de outras terras e culturas."

Essa dinâmica agora é comum entre indivíduos de origem asiática e hispânica, nascidos nos Estados Unidos. "Temos visto altos índices de casamentos inter-raciais entre hispânicos e asiáticos, que estão vivendo em áreas bastante integradas fora das suas áreas tradicionais [de concentração] no sudoeste e no oeste," ressaltou Edmonston. Ele citou um estudo segundo o qual há uma taxa de 80 por cento de exogamia entre os indivíduos de origem asiática, nascidos nos Estados Unidos, na Nova Inglaterra (região nordeste dos Estados Unidos), por exemplo.

Ironicamente, o crescimento da imigração e a tendência ao multiculturalismo, que tantos analistas vêem como grandes fatores que podem resultar em antagonismo, na verdade, acabam contribuindo para essa mistura entre as raças e os grupos étnicos. "A partir do momento em que você fragmenta... a sociedade em tantas origens étnicas diferentes, fica matematicamente muito menos provável que você encontre alguém da sua própria etnicidade," diz Wattenberg. "Isso é o que aconteceu, basicamente, com a população judia."

Se os negros vão ou não acompanhar as outras minorias rumo à miscigenação é um assunto que ainda está sujeito a discussão. Os cépticos chamam a atenção para o fato de que a proporção de casamentos entre negros e brancos é muito menor, e dizem que a miscigenação não acontecerá tão cedo. Outros argumentam que a base estatística é muito pequena porque, até 1967, tais casamentos eram ilegais em 19 estados.

FORÇAS OPOSTAS

Embora muitas forças se unam para facilitar os casamentos inter-raciais, há também as forças que se opõem a eles. Isso é particularmente verdadeiro no que se refere aos negros.

O crescente segmento da comunidade negra que está freqüentando as universidades, ingressando na classe média e se mudando para os subúrbios está, também, seguindo a tendência geral rumo aos casamentos inter-raciais. Essa tendência é particularmente perceptível na Califórnia e em cidades como Dallas (Texas), Las Vegas (Nevada) e Phoenix (Arizona), onde a segregação residencial tem sido menos pronunciada do que nas cidades mais antigas, do nordeste e do meio-oeste dos Estados Unidos, segundo Reynolds Farley, que estudou as tendências de moradia dos negros. Na Califórnia, por exemplo, entre os americanos negros de 25 a 34 anos de idade, 14 por cento das mulheres negras casadas e 32 por cento dos homens negros casados tinham cônjuges de uma raça diferente, Edmonston observou.

Mas nos bairros urbanos isolados do nordeste e do meio-oeste dos Estados Unidos, a velha tendência prevalece. "Existe uma parcela considerável da população negra que ainda vive nas áreas centrais das cidades — em Detroit, Chicago, Nova York — e que ainda não foi incorporada ao crescimento econômico dinâmico," diz Farley, ex-professor da Universidade de Michigan [University of Michigan] e atual vice-presidente da Fundação Russel Sage [Russell Sage Foundation] em Nova York. "Essas pessoas foram excluídas do processo, e ficaram muito para trás."

Outro obstáculo é a imigração. Os imigrantes, em geral, não se casam fora do seu grupo racial ou étnico. Seus filhos o fazem, até certo ponto, mas o casamento com indivíduos de outros grupos, de fato, ocorre com maior freqüência na terceira geração. A mais recente onda de imigração de grandes proporções apenas resultou em americanos de primeira ou segunda geração.

Não importa até que ponto haja uma mistura racial e étnica. O verdadeiro teste de uma sociedade miscigenada será a proporção de pessoas que se identificam como multirraciais ou multiétnicas. Até o momento, essa porcentagem tem sido pequena. Em

parte isso ocorre porque as pessoas tendem a assumir a identidade racial ou étnica de um dos pais — freqüentemente o elemento do casal que pertence a uma minoria, como é o caso dos negros e hispânicos. Mas em grande parte, essa identidade tem sido imposta pela sociedade.

"Tenho um nome espanhol e falo espanhol, e portanto as pessoas me consideram um indivíduo de origem espanhola," DelPinal, o funcionário do Escritório de Recenseamento, explicou.

A identificação racial pode se originar de outras fontes, como o orgulho étnico mais intenso, ou a oportunidade de se beneficiar da ação afirmativa e outros programas. Nas últimas décadas, a origem indígena aparentemente se tornou uma característica mais desejável. Entre 1970 e 1980, o número de pessoas que assinalavam "Índio Americano" nos seus formulários de recenseamento cresceu de 800.000 para 1,4 milhão, um aumento muito mais rápido do que poderia ser atribuído aos nascimentos menos as mortes. "As pessoas chegaram à conclusão de que queriam se identificar como índios americanos, até certo ponto por causa de uma consciência étnica mais intensa," observou Jeffrey S. Passel, diretor do Programa de Política de Imigração [Immigration Policy Program] no Instituto Urbano [Urban Institute] e ex-diretor da Divisão de População do Escritório de Recenseamento.

É esta abordagem positiva em relação à identificação racial ou étnica que os elementos liberais da comunidade judia estão tentando explorar. Durante dois mil anos, a exogamia foi uma grave transgressão para os judeus. (Em muitas comunidades, quando um judeu se casava com uma pessoa não-judia, as pessoas recitavam orações para os mortos; e tais orações eram dedicadas ao indivíduo que estava se casando) Como resultado dessa postura, os casamentos com pessoas de outros grupos eram raros. Antes da Segunda Guerra Mundial, tais casamentos somavam menos de sete por cento dos casamentos de judeus, segundo Mayer, da CUNY. Mas em 1970, uma Pesquisa Nacional da População Judia [National Jewish Population Survey] revelou que nos cinco anos anteriores, 30 por cento dos novos casamentos de judeus eram, de fato, uniões com pessoas não-judias. Em 1990, essa proporção havia se elevado para mais de 50 por cento.

Após muitas reuniões, muita auto-análise e muitas discussões acaloradas, vários grupos de sinagogas nas denominações mais liberais, e organizações cívicas judias, resolveram inverter sua posição. Elas ainda tentam desaconselhar os casamentos inter-raciais, mas a partir do momento em que eles ocorrem, as comunidades tendem a dar as boas vindas às novas famílias que reúnem elementos de diferentes crenças.

O rabino Daniel G. Zemel, do Templo Micah, uma congregação reformada de Washington, foi um dos que mudaram de posição. Em 1979, quando foi ordenado rabino, Zemel recordou recentemente, "eu achava que aqueles rabinos que celebravam casamentos inter-raciais deviam ser excluídos das associações de rabinos. Desde então minha maneira de pensar mudou muito." No entanto, ele disse, ele ainda não celebra, pessoalmente, casamentos entre indivíduos de crenças diferentes. "Acho que se você puder encontrar meios de conceber uma comunidade judia diversa e heterogênea, então isso é o que procuraremos ter, no futuro," ele disse. Mas, ele reconheceu que, para que isso aconteça, será necessário fazer uma revolução na perspectiva daquele componente da comunidade judia que tem se mantido unido mais pelas raízes étnicas européias do que pelas suas práticas religiosas.

Essa mudança profunda, contemplada por Zemel é, de certa forma, similar às mudanças pelas quais os Estados Unidos estão tendo que passar, na sua transformação de uma nação predominantemente branca em uma sociedade multirracial, miscigenada. O primeiro passo nesse caminho é, provavelmente, descobrir quem somos. E isso requer uma contagem precisa de todas as cores e dos vários matizes entre elas. ■

Rochelle L. Stanfield, ex-correspondente do National Journal, é uma escritora free-lancer, baseada em Washington, D.C., especializada em questões demográficas e urbanas.

Este artigo foi publicado originalmente na edição de 13 de setembro de 1997 do National Journal. O artigo foi atualizado pela autora. Copyright 1997 by National Journal Group Inc. Todos os direitos reservados. Reproduzido com permissão.

BIBLIOGRAFIA

E SITES NA INTERNET

LIVROS, ARTIGOS, E DOCUMENTOS SELECIONADOS

Aleinikoff, T. Alexander. "A Multicultural Nationalism?" *The American Prospect*, January-February 1998, pp. 80-86.
[<http://www.epn.org/prospect/36/36aleifs.html>]

Anderson, Margo J. *The American Census: A Social History*. New Haven CT: Yale University Press, 1988.

Anderson, Margo J. and Fienberg, Stephen E. *Who Counts? The Politics of Census-Taking in Contemporary America*. New York: Russell Sage Foundation, 1999.

Angel, Ronald J. and Angel, Jacqueline L. *Who Will Care for Us? Aging and Long-Term Care in Multicultural America*. New York: New York University, 1997.

Anderton, Douglas L.; Barrett, Richard E.; and Bogue, Donald J. *The Population of the United States*. 3d ed. New York: Free Press, 1997.

Barkan, Elliott Robert. *And Still They Come: Immigrants and American Society, 1920 to the 1990s*. Wheeling, IL: Harlan Davidson, 1996.

Belsie, Laurent. "America's New Non-Melting Pot." *The Christian Science Monitor*, March 5, 1999, p. 1 ff.

Besharov, Douglas J. and Sullivan, Timothy S. "One Flesh: America Is Experiencing an Unprecedented Increase in Black-White Inter-marriage." *The New Democrat*, July-August 1996, p. 19 ff.

Bianchi, Suzanne and Spain, Daphne. *Balancing Act: Motherhood, Marriage and Employment Among American Women*. New York: Russell Sage Foundation, 1996.

Booth, William et al. "Myth of the Melting Pot: America's Racial and Ethnic Divides." *The Washington Post*, February 22-December 28, 1998 (online).

Uma série de artigos ocasionais sobre o impacto da imigração nos Estados Unidos. Part One: One Nation, Indivisible?; Part Two: In Los Angeles, a Sense of Future Conflicts; Part Three: Immigrants, Shunning the Idea of Assimilation; Part Four: Sweat of Their Brows Reshapes Economy; Part Five: A White Migration North from Miami; Part Six: Interracial Marriages Eroding Barriers.
[<http://www.washingtonpost.com/wp-srv/national/longterm/meltingpot/melt0222.htm>]

Brenner, Reuven. "Land of Opportunity." *Forbes*, October 12, 1998, pp. 66-74.

Briggs, Xavier de Souza, ed. "Racially and Ethnically Diverse Urban Neighborhoods." *Cityscape: A Journal of Policy Development and Research*, vol. 4, no. 2, 1998, pp. 1-269.
Essa edição é inteiramente dedicada ao estudo de 14 comunidades urbanas estáveis, racial e etnicamente diversas, nos Estados Unidos.

Burman, Len et al. *Policy Challenges Posed by the Aging of America*. New York: Urban Institute, 1998.
[<http://www.urban.org/health/oldpol.html>]

Chiswick, Barry and Sullivan, Teresa A. "The New Immigrants." In Farley, Reynolds, ed. *State of the Union: America in the 1990s*. vol. 2. New York: Russell Sage Foundation, 1995.

Choldin, Harvey. *Looking for the Last Percent: The Controversy over Census Undercounts*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1994.

De Vita, Carol J. "The United States at Mid-Decade." *Population Bulletin*, March 1996, pp. 1-48.

Del Pinal, Jorge and Singer, Audrey. "Generations of Diversity: Latinos in the United States." *Population Bulletin*, October 1997, pp. 1-48.

Edmonston, Barry. *The 2000 Census Challenge*. PRB Reports on America, vol. 1, no. 1. Washington: Population Reference Bureau, January 1999.

Edmonston, Barry and Passel, Jeffrey S., eds. *Immigration and Ethnicity: The Integration of America's Newest Arrivals*. Washington: Urban Institute Press, 1994.

Edmonston, Barry and Schultze, Charles M., eds. *Modernizing the U.S. Census*. Washington: National Academy Press, 1995.

Etzioni, Amitai. "Some Diversity." *Society*, July 1998, pp. 59-61.

Farley, Reynolds. *The New Reality: Who We Are, How We Got Here, Where We Are Going*. New York: Russell Sage Foundation, 1996.

Frey, William H. "The New Demographic Divide in the U.S.: Immigrant and Domestic 'Migrant Magnets.'" *The Public Perspective*, June 1998, pp. 25-40.

Frey, William H. and Farley, Reynolds. "Latino, Asian and Black Segregation in U.S. Metropolitan Areas: Are Multi-ethnic Metros Different?" *Demography*, February 1996, pp. 35-50.

Frey, William H. et al. *Diversity in America: Projections for Minority, Black, Hispanic American and Asian American Populations to the Year 2001*. Stamford, CT: PRIMEDIA Intertec, 1998.

Para se informar sobre outras obras deste autor, favor consultar a página de publicações no [Centro de Estudos Populacionais, na Universidade de Michigan] Population Studies Center at the University of Michigan [<http://www.psc.lsa.umich.edu>].

Funderburg, Lise. *Black, White, Other: Biracial Americans Talk About Race and Identity*. New York: Morrow, 1994.

Funderburg, Lise. "Crossing the Demographic Divide: The Otherness of Multiracial Identity." *American Demographics*, October 1998, pp. 24-25.

Gibson, Campbell J. and Lennon, Emily. *Historical Census Statistics on the Foreign-born Population of the United States: 1850-1990*. Population Working Paper, No. 29. Washington: U.S. Bureau of the Census, February 1999. [<http://www.census.gov/population/www/documentation/twps0029/twps0029.html>]

Hobbs, Frank B. with Damon, Bonnie L. *65+ in the United States*. Current Population Reports, Special Studies, P23-190. Washington: U.S. Bureau of the Census, 1996. [<http://www.census.gov/prod/1/pop/p23-190/p23-190.html>]

Jost, Kenneth. "Census 2000." *The CQ Researcher*, May 1, 1998, pp. 385-408.

Kirschten, Dick. "America's Demographic Divide." *National Journal*, January 16, 1999, pp. 104-106.

Kraut, Alan M. *The Huddled Masses: The Immigrant in American Society, 1880-1921*. Wheeling, IL: Harlan Davidson, 1982.

Lind, Michael. "The Beige and the Black." *The New York Times Magazine*, August 16, 1998, p. 38-39.

Lee, Sharon M. "Asian Americans: Diverse and Growing." *Population Bulletin*, June 1998, pp. 1-40.

Littman, Mark S. *A Statistical Portrait of the United States: Social Conditions and Trends*. Lanham, MD: Berman Press, 1998.

Martin, Philip and Midgley, Elizabeth. "Immigration to the United States: Journey to an Uncertain Destination." *Population Bulletin*, September 1994, pp. 1-40.

Masci, David. "Hispanic-Americans' New Clout." *The CQ Researcher*, September 18, 1998, pp. 809-832.

McNamara, Robert P.; Tempenis, Maria; and Walton, Beth. *Crossing the Line: Interracial Couples in the South*. Westport, CT: Greenwood Press, 1999.

Miller, D.W. "Scholars of Immigration Focus on the Children." *The Chronicle of Higher Education*, February 5, 1999, pp. A19+.

Millman, Joel. *The Other Americans: How Immigrants Renew Our Country, Our Economy, and Our Values*. New York: Viking, 1997.

O'Hare, William. "Managing Multiple-Race Data." *American Demographics*, April 1998, pp. 42-44.

O'Hearn, Claudine C., ed. *Half and Half: Writers on Growing Up Biracial and Bicultural*. New York: Pantheon Books, 1998.

Peterson, Peter P. *Gray Dawn: How the Coming Age Wave Will Transform America — and the World*. New York: Times Books, 1999.

Pitts, David. "The New Face of Atlanta." *Issues of Democracy: Democratic Local Government*; April 1999, pp. 22-30.
[<http://www.usia.gov/journals/itdhr/0499/ijde/pitts.htm>]

Portes, Alejandro and Rumbaut, Ruben G. *Immigrant America: A Portrait*. 2d ed. Berkeley: University of California Press, 1996.

President's Initiative on Race. *One America in the 21st Century: Forging a New Future; the Advisory Board's Report to the President*. Washington: U.S. Government Printing Office, 1998.

Full text:

[<http://www.whitehouse.gov/Initiatives/OneAmerica/PIR.pdf>]

Executive summary:

[http://www.whitehouse.gov/Initiatives/OneAmerica/PIR_summary.pdf]

Robinson, Linda. "Hispanics Don't Exist." *U.S. News and World Report*, May 11, 1998, pp. 26-32.
Este artigo apresenta um guia sobre as 17 principais subculturas latinas do país.

Roszak, Theodore. *America the Wise: The Longevity Revolution and the True Wealth of Nations*. Boston, MA: Houghton Mifflin, 1998.

Roszak, Theodore. *The Making of a Counterculture: Reflections on the Technocratic Society and Its Youthful Opposition*. Berkeley: University of California Press, 1995.

Russell, Cheryl. *The Official Guide to Racial and Ethnic Diversity: Asians, Blacks, Hispanics, Native Americans, and Whites*. 2d ed. Ithaca, NY: New Strategist Publications, 1998.

See especially Chapter 7, "A Generation of Demographic Debates in the United States," and Chapter 8, "American Political Interests and Population Statistics."

Scheibel, James. "Recruiting the Over-the-Hill-Gang for National Service." *Social Policy*, Winter 1996, pp. 30-35.

Schmidley, Dianne and Alvarado, Herman A. *The Foreign-Born Population in the United States: March 1997*. Current Population Reports: P20-507. Washington: U.S. Bureau of the Census, March 1998. [<http://www.census.gov/prod/3/98pubs/p20-507.pdf>]

Schnaiberg, Lynn. "Immigrants: Providing a Lesson in How to Adapt." *Education Week on the Web*, vol.

18, no. 20, 7 pp. [<http://www.edweek.org/ew/vol-18/20immig.h18>]

Seeman, Teresa E. and Adler, Nancy. "Older Americans: Who Will They Be?" *National Forum*, Spring 1998, pp. 22-24.

Smith, James P. and Edmonston, Barry., eds. *The Immigration Debate: Studies on the Economic, Demographic, and Fiscal Effects on Immigration*. Washington: National Academy Press, 1998. Chapter 10, "The Impact of Recent Immigration on Population Redistribution within the United States," was written by William H. Frey and Kao-Lee Liaw.

Smith, James P. and Edmonston, Barry, eds. *The New Americans: Economic, Demographic, and Fiscal Effects of Immigration*. Washington: National Academy Press, 1997.

Spain, Daphne. *America on the Edge of Two Centuries*. PRB Reports on America, vol. 1, no. 2. Washington: Population Reference Bureau, May 1999.

Stanfield, Rochelle L. "Old Folks at Home." *National Journal*, February 14, 1998, pp. 338-341.

Suro, Roberto. "Recasting the Melting Pot." *American Demographics*, March 1999, pp. 30-32.

Suro, Roberto. *Strangers Among Us: How Latino Immigration Is Transforming America*. New York: Knopf, 1998.

Teitelbaum, Michael S. and Winter, Jay. *A Question of Numbers: High Migration, Low Fertility, and the Politics of National Identity*. New York: Hill & Wang, 1998.

Tilove, Jonathan. "The New Map of American Politics." *The American Prospect*, May-June 1999, 12 pp. [<http://epn.org/prospect/44/44tilove.html>]

Ungar, Sanford J. *First Blood: The New American Immigrants*. New York: Simon and Schuster, 1995.

Tyson, Ann Scott. "It's a Date: Young Love Bridges

Race Divide." *The Christian Science Monitor*, December 3, 1997, pp. 1, 18.

U.S. Administration on Aging. *Aging into the 21st Century*. Washington: Administration on Aging, 1996.

[<http://www.aoa.dhhs.gov/aoa/stats/aging21/default.htm>]

U.S. Census Bureau. *The Black Population in the United States: March 1998*. P20-508. Washington: U.S. Bureau of the Census, July 1998.

Link para um resumo do relatório e tabelas de dados:

[<http://www.census.gov/population/www/socdemo/race/black.html>]

U.S. Census Bureau. *Historical Statistics of the United States, Colonial Times to 1970*. Washington: U.S. Govt. Print. Off., 1975.

U.S. Census Bureau. *How We Are Changing — Demographic State of the Nation, 1997*. P23-193. Washington: Bureau of the Census, 1997. [<http://www.census.gov/prod/2/pop/p23/p23-193.pdf>]

U.S. Census Bureau. *Population Profile of the United States, 1997*. P23-194. Washington: Bureau of the Census, 1998. [<http://www.census.gov/prod/3/98pubs/p23-194.pdf>]

U.S. Commission on Immigration Reform. *Becoming an American: Immigration and Immigration Policy; 1997 Report to Congress*. Washington: U.S. Commission on Immigration Reform, 1997.

U.S. Information Agency. "One from Many: Immigration Patterns and Ethnic Composition." *Portrait of the USA*. Washington: U.S. Information Agency, pp. 3-9. [<http://www.usia.gov/usa/infousa/facts/portrait/ch1.htm>]

RECURSOS SELECIONADOS, NA INTERNET

AARP Webplace

[<http://research.aarp.org/>]

As principais atividades da Associação Americana de Aposentados [American Association of Retired Persons] são: "informação e educação; serviços comunitários; assessoria legislativa, jurídica, e para questões de consumo; e serviços prestados aos associados." A AARP usa esta página na Web para prestar informações aos membros, e ao público, a respeito de questões que interessam ao consumidor, segurança econômica, trabalho, saúde, vida independente e outras questões importantes para os idosos. A página também é uma fonte útil de informações sobre publicações

[<http://research.aarp.org/rgs5pubs.html>], como *Profile of Older Americans and A Portrait of Older Minorities* além de apresentar um guia bastante abrangente

[<http://www.aarp.org/cyber/guide1.htm>].

Access America for Seniors

[<http://www.seniors.gov/intro.html>]

Access America for Seniors é uma iniciativa, de âmbito governamental, que se destina a prestar serviços eletrônicos de órgãos do governo aos cidadãos idosos." Este site oferece informações a respeito de benefícios, saúde e nutrição, proteção ao consumidor, empregos e atividades para voluntários, impostos, viagens e lazer, educação e treinamento, e outros links.

AMEA, Association of MultiEthnic Americans

[<http://www.ameasite.org/>]

A finalidade desta confederação nacional de grupos multiétnicos/inter-raciais locais, é promover "uma consciência positiva da identidade inter-racial e multiétnica, para nós mesmos e para a sociedade como um todo." A AMEA fornece informações sobre questões como classificações em formulários do governo, identidade multiétnica/multirracial, relacionamento entre famílias multirraciais, saúde, educação, e adoções entre raças diferentes.

American Demographics

[<http://www.demographics.com>]

Este site apresenta publicações, como American Demographics; tendências de consumo para líderes empresariais; ferramentas de marketing; previsões; e uma circular sobre tendências demográficas e previsões de negócios, bem como ferramentas e serviços de pesquisa.

Center for Immigration Studies (CIS)

[<http://www.cis.org/>]

Dedicado exclusivamente à pesquisa e análise política dos impactos econômicos, sociais, fiscais, e outros, da imigração nos Estados Unidos, a missão do CIS é "expandir a base de conhecimento público e a compreensão da necessidade de uma política de imigração que vise, em primeiro lugar, o interesse nacional como um todo."

Center for Population Research and Census (CPRC)

[<http://www.upa.pdx.edu/CPRC/>]

Baseado na Universidade Estadual de Portland [Portland State University], o CPRC é, basicamente responsável pelas estimativas oficiais da população do Oregon. Ele também proporciona "um enfoque de pesquisa para a investigação das causas e consequências das mudanças demográficas." Este site proporciona acesso a informações em nível federal e estadual, informações a respeito de projetos de pesquisa aplicada, publicações e links do CPRC.

Immigration: The Perpetual Controversy

[<http://theatlantic.com/atlantic/atlweb/flashbks/immigr/immigint.htm>]

Resumos de artigos publicados em The Atlantic Monthly a respeito da imigração, desde 1896, aparecem aqui com links para o texto integral.

Immigration in American Memory

[<http://lcweb2.loc.gov/ammem/ndlpedu/features/immig/immig.html>]

Dividida em quatro períodos cronológicos — Settlement [Colonização], The Growing Nation [O Crescimento da Nação], The Great Surge [A Grande Onda], e Immigration Today [A Imigração Hoje] — esta página fornece informações detalhadas a respeito da imigração sob um ponto de vista histórico. Trechos das fontes são incluídos, com links

para os documentos completos.

International Year of Older Persons 1999
[<http://www.un.org/esa/socdev/iyop/index.html>]
Reconhecendo o fato de que a "demografia da humanidade está atingindo a maturidade e o seu potencial no que diz respeito às atitudes amadurecidas e às possibilidades de ação nas áreas social, econômica, cultural e espiritual," a Assembléia Geral das Nações Unidas declarou 1999 o Ano Internacional dos Idosos, com o tema: "Rumo a Uma Sociedade Para Todas as Idades". Este site oficial na Web inclui uma agenda dos eventos, a estrutura conceitual e operacional desta iniciativa e idéias para atividades nacionais.

National Opinion Research Center (NORC)
[<http://www.norc.uchicago.edu/>]
Afiliação à Universidade de Chicago [University of Chicago], o NORC conduz "pesquisas de interesse público para órgãos governamentais, instituições de ensino, fundações do setor privado, entidades sem fins lucrativos e empresas privadas." Algumas áreas de interesse descritas no site incluem assistência médica, policiamento comunitário, desempenho escolar, tratamento para usuários de drogas, mercados de trabalho e atendimento aos idosos. O NORC também publica a Pesquisa Social Geral [General Social Survey]
[<http://www.norc.uchicago.edu/gss/homepage.htm>], que avalia as tendências nas atitudes, experiências, práticas e preocupações dos americanos nos últimos 30 anos.

Older Americans Month, May 1999
[<http://pr.aoa.dhhs.gov/May99/default.htm>]
Patrocinada pela Administração dos Idosos [Administration on Aging]
[<http://www.aoa.dhhs.gov/>], esta página contém informações a respeito das atitudes e eventos relacionados ao tema deste ano: "Honrando o Passado, Imaginando o Futuro: Rumo a Uma Sociedade Para Todas as Idades." Há links para o Pronunciamento do Presidente, gráficos para "download", materiais de edições anteriores da própria publicação eletrônica e eventos relacionados.

Population Association of America

[<http://www.popassoc.org/>]

Esta organização de 3.000 profissionais publica a revista trimestral *Demographics*, promove pesquisas relacionadas aos problemas humanos da população e proporciona um espaço para discussões intelectuais, nas suas reuniões anuais. O site também possui informações de agenda e links para publicações.

Population Reference Bureau (PRB)

[<http://www.prb.org/>]

O objetivo do Escritório de Referências Populacionais [Population Reference Bureau] (PRB) é fornecer informações objetivas e atualizadas a respeito das tendências populacionais americanas e internacionais, e suas implicações. Entre as publicações úteis, destacam-se a circular mensal, *Population Today*, a série trimestral, *PRB Reports on America* e o *Population Handbook*. O PRB também produz a *Popnet* [<http://www.popnet.org/>], que é uma relação abrangente e comentada de sites na web disponíveis, relacionados à população, incluindo aqueles que são produzidos por organizações governamentais e internacionais, organizações não-governamentais, centros universitários, associações e listservs.

Population Studies Center — University of Michigan

[<http://www.psc.lsa.umich.edu/>]

Um dos mais antigos centros de pesquisa populacional nos Estados Unidos, o PSC trabalha com uma comunidade interdisciplinar de pesquisadores no campo de estudos populacionais. Os usuários podem efetuar buscas informais para identificar recursos on-line fazer links para os resumos ou para o texto integral de numerosas publicações, incluindo as de autoria de William H. Frey, que escreveu "The U.S. City in Transition."

Population Studies Center — Urban Institute

[<http://www.urban.org/centers/psc.html>]

O [Centro de Estudos Populacionais do Instituto Urbano] Urban Institute's [<http://www.urban.org/>] Population Studies Center conduz análises demográficas, e ajuda a rastrear tendências econômicas e sociais gerais, como por exemplo, o impacto dos imigrantes sobre a economia e sobre a sociedade dos Estados Unidos, a composição das

famílias, que está sempre passando por mudanças, e o bem-estar das crianças das famílias de baixa renda.

Project Vote Smart — Issues: Immigration [http://www.vote-smart.org/issues/IMMIGRATION]
O projeto Vote Smart (vote inteligentemente) que trata da educação para a cidadania, enfatiza, aqui, o veemente debate atual sobre a imigração. Há links automáticos tanto para sites a favor da imigração, e contra ela.

SeniorNet

[http://www.seniornet.org/]

De acordo com o seu slogan, "Bringing Wisdom to the Information Age," [Trazendo A Sabedoria à Era da Informação] a missão da SeniorNet é "proporcionar, aos adultos mais velhos, instrução a respeito da informática, e acesso a ela, para melhorar suas vidas e permitir que eles compartilhem seus conhecimentos e sabedoria."

Statistical Resources on the Web: Demographics and Housing

[http://www.lib.umich.edu/libhome/Documents.center/stdemog.html]

Este site, do Centro de Documentação da Universidade de Michigan, [University of Michigan Documents Center], apresenta uma extensa lista de recursos, na Internet, a respeito de habitação e demografia nos Estados Unidos.

United States Census 2000

[http://www.census.gov/dmd/www/2khome.htm]

Esta página oficial do Escritório de Recenseamento dos Estados Unidos sobre o próximo censo, contém links para planos e programas, censos nas escolas, relatórios e avaliações dos censos simulados, FAQs, depoimentos, planilhas e outras publicações.

U.S. Administration on Aging (AoA)

[http://www.aoa.dhhs.gov/]

A AoA administra programas que ajudam as pessoas idosas vulneráveis a permanecer nas suas próprias casas, proporcionando serviços de apoio e outros programas que oferecem oportunidades para que os americanos mais velhos possam melhorar sua saúde, ser ativos e úteis às suas famílias, às suas

comunidades e ao país. O site proporciona acesso às Informações Estatísticas Sobre os Idosos [Statistical Information on Older Persons] [http://www.aoa.dhhs.gov/aoa/stats/statpage.html]; ao Centro Nacional de Informações Sobre o Envelhecimento [National Aging Information Center] [http://www.aoa.dhhs.gov/naic/default.htm]; e a um diretório de sites da web [http://www.aoa.dhhs.gov/aoa/webres/craig.htm].

U.S. Administration on Aging. International Aging [http://www.aoa.dhhs.gov/international/iyop/default.htm]

Realça as atividades do governo dos Estados Unidos no que se refere ao Ano Internacional dos Idosos, 1999 [International Year of Older Persons 1999] e inclui links para discursos e declarações especiais, iniciativas da própria organização, comemorações em âmbito nacional e o site do Comitê Federal Específico para a Preparação Para o Ano Internacional dos Idosos [Federal Ad Hoc Committee to Prepare for the International Year of Older Persons].

U.S. Census Bureau.

[http://www.census.gov]

O Escritório de Recenseamento do Departamento do Comércio publica muitos relatórios, estatísticas e estudos sobre a demografia nos Estados Unidos. Um produto do Escritório e Informações Públicas desse órgão governamental [Public Information Office], Facts for Features [http://www.census.gov/Press-Release/www/factsheets.html] contém links para informações úteis sobre uma série de assuntos, incluindo: "Asian and Pacific Islander American Heritage Month", "Hispanic Heritage Month" e "Countdown to Census 2000".

U.S. Congress. Senate. Special Committee on Aging

[http://www.senate.gov/~aging/]

Voltado para os problemas e as oportunidades referentes às pessoas idosas, como a manutenção da saúde, a garantia de uma renda adequada, o acesso a empregos e a moradia adequada, o comitê especial editou algumas publicações úteis, que são relacionadas neste site.